

A vida e obra de Jules Verne desde a óptica ibero-americana

Mundo *Verne*

Número 6
Julho - Agosto de 2008
Edição em português
ISSN: 1996-7454

Curiosidades da **cena** verniana



Quatro argentinos
falam de um **francês**

Em frente da
bandeira francesa

Disponível em: <http://jgverne.cmaact.com/Misc/MVActual.htm>

A Sociedade e presidente

Poucos dias depois da saída da quinta edição da nossa revista, uma mensagem de Jean-Michel Margot no Fórum Jules Verne, anunciava que, depois de vários anos a pertencer à Sociedade Jules Verne de Paris, tinha decidido, desta vez oficialmente, apresentar a sua renúncia para nós, comitê, em sinal de protesto. Qual o motivo que o levou a tomar tão drástica resolução? Olivier Dumas.

O actual presidente da Sociedade encarrega-se de levar os destinos desta instituição há mais de quarenta anos sendo já uma pessoa octogenária. A forma como a dirige, considerada por muitos, de uma maneira ditatorial, fê-lo adquirir muitas más opiniões entre muitos dos seus membros actuais e outros que não o são.

Dos notáveis é o caso de Bill Butcher que renunciou, há muito tempo, a pertencer ao grupo. Lionel Dupuy, outro dos estudiosos da obra do francês, teve fortes polémicas com Dumas, de forma que este último vetou a sua permanência e censurou todos os seus trabalhos propostos para publicação no boletim que se emite quatro vezes ao ano.

Muitos coincidem em assinalar que a forma que o senhor Dumas dirige a organização parisiense é inadequada. Em que se baseia essa má direcção?, perguntam os leitores da *Mundo Verne*. Aqui estão as respostas: deterioração gradual da qualidade dos seus próprios artigos que invariavelmente se publicam por vezes no boletim; decisões unilaterais sobre o que se deve publicar

e o que não, sem contar com o resto dos membros do Conselho Editorial; visão estreita sobre o futuro e a actualidade da instituição que dirige, que inclui a pouca comunicação e feedback com o resto dos vernianos no mundo.

Há um ano, a Sociedade publicou na Internet um sítio que contém escassa informação sobre o seu trabalho e apresenta, de forma pouco atractiva, a lista dos conteúdos de cada edição do boletim desde o primeiro publicado em 1936. Por outro lado, a citada instituição não tem sequer um correio electrónico para onde escrever. Toda a comunicação formal com as pessoas interessadas deve-se fazer através de correio postal à espera de ser recebido. Nas reuniões anuais apenas a opinião de Dumas conta.

Existia a perspectiva de que este ano se pudesse trocar de direcção, mas não foi assim e, perante o atento olhar do que se passava em Paris no mês de Maio, muitos tiveram que se conformar ao saber que o actual presidente continuará no cargo.

Pedem-se trocas. Se não se fazem com prontidão, as pessoas que abandonaram a Sociedade poderão pensar noutra organização que agrupe os "exilados" e divida de forma lamentável o mundo dos especialistas no autor gaulês como ocorreu há alguns anos atrás com a Federação Mundial de Ajedrez, produto das desavenças. Que não se perca de vista que o importante, apesar das discrepâncias, é continuar a estudar a vida e obra de Verne ●



Sobre a imagem da capa

Extraída da capa do livro *Théâtre inédite*, que contém um grupo de peças teatrais inéditas de Verne. Publicado em 2005. Anteriormente foi vista em *Voyage à reculons en Angleterre et en Ecosse* publicada em 1989 e aparece no capítulo 9 do livro. Ilustra a visita ao teatro de alguns dos personagens da obra.

Sumário

- 3 **Universo verniano**
- 4 **A imagem e semelhança**
- 5 **Uma viagem ao extraordinário**
Em frente da bandeira francesa
- 10 **Influências**
Quatro argentinos falam de um francês
- 12 **Terra Verne**
Curiosidades da cena verniana
- 20 **À fala com...**
A biografia definitiva de Bill Butcher
- 23 **Sem publicação prévia**
O Cerco a Roma. Capítulo 1
- 26 **Cartas gaulesas**
Carta a Pierre em Julho de 1848

© 2008. Mundo Verne.

Revista bimensal em castelhano e português sobre a vida e obra do escritor francês Jules Verne.

Director e desenhador
Ariel Pérez.

Conselho editorial
Ariel Pérez
Cristian A. Tello
Yaikel Águila.

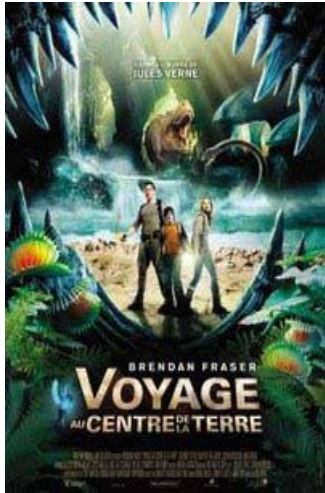
Tradução portuguesa
Frederico Jácome
Carlos Patricio.

Internet
<http://jgverne.cmact.com/Misc/Revista.htm>
Correio-e: arielpr@gmail.com.

Distribuição gratuita.

Os artigos colocados expressam exclusivamente a opinião dos autores. É permitido copiar, distribuir, mostrar e fazer trabalhos derivados dos materiais que estão nesta revista, sempre que se cite a fonte de onde foi obtida, não se pode retirar material para produzir produtos com fins comerciais e se se fizerem trabalhos derivados deve-se compartilhá-los com esta mesma licença. Publica-se sob a licença *Creative Commons*





Estreia finalmente Viagem 3D

Nos últimos meses falou-se muito e havia grandes expectativas em torno da exibição, no grande ecrã, da nova versão de *Viagem ao centro da Terra* de Jules Verne, desta vez, com uma mistura de trabalho de actores reais e animação tridimensional. Finalmente, foi estreada, em meados de Julho, nos Estados Unidos para logo continuar a sua mostra noutros cinemas da Europa e do continente americano.

As primeiras críticas parecem ser favoráveis e proximamente *Mundo Verne* dará detalhes aos seus leitores da recepção, tanto do público como da crítica cinematográfica.

A colecção Margot já está na Suíça

Cerca de 15,000 documentos sobre Jules Verne que incluem vários livros originais publicados por Hetzel, mapas e outros elementos únicos, formam parte da colecção de Jean-Michel Margot, presidente da *Sociedade Norte-americana Jules Verne*.

A citada colecção, fruto de mais de cinquenta anos de investigação e recompilação, foi doada por ele à cidade de suíça de Yverdon-les-Bains, onde permanecerá, a partir de agora, o novo *Espace Jules Verne*, um museu que abrirá as suas portas no próximo dia 4 de Outubro.



O carregamento fez-se no passado dia 9 de Junho desde a cidade de Baltimore num barco panamense até à Alemanha no dia 21 do próprio mês e a partir dali se trasladou por terra até a cidade de destino.

Os veículos extraordinários de Verne em museu

O *Nautilus* (o verdadeiro, não o dos Estúdios Disney), o Albatros, o Terror, o vagão-projectil de Barbicane, o monstruoso canhão de Schultze, o balão de Samuel Fergusson... são alguns dos vinte modelos de aparelhos denominados «veículos extraordinários» que se expõem, desde Junho, no museu de *Rue de l'Hermitage* em Nantes.

Estas maquetes, de uma fidelidade e precisão impressionantes, foram realizadas por Jean-Marc Deschamps (antigo modelista profissional para a secção audiovisual, jornalista, apaixonado coleccionista de objectos do

espaço e amante da Ficção-Científica).

As peças foram compradas pela cidade de Nantes e pelo museu da Ficção-Científica em Yverdon-les-Bains, na Suíça, e permanecerá em exposição até dia 31 de Agosto. Deschamps publicou anteriormente, em 2005, *140 ans d'inventions extraordinaires*, um livro que mostra a sua galeria de criações.



Em poucas palavras

Bill Butcher publicou recentemente no sítio Lulu.com, uma nova edição da sua tradução do conto *Le humbug* de Jules Verne. O conteúdo do texto está disponível pelo título *Humbug: The American way of life* e pode-se comprar pelo módico preço de \$2.50 dólares.

....

A cadeia de televisão francesa *France 5* exibiu no mês de Junho o documentário *Jules Verne: le mystérieux* e repetiu a sua transmissão um mês depois para aqueles que não viram.

....

Nos finais de Junho teve lugar em Versalles, um leilão de vários artigos interessantes dos originais de Hetzel. O mais chamativo foi um raro exemplar que continha, num só volume, as obras *Escola dos Robinsons* e *O raio verde*, tendo sido vendido pela modesta soma de 5,200 €! E no sítio do E-bay outro exemplar raro de *Da Terra à Lua* foi adjudicado por uns 4,000 €. Os dois livros totalizam uns 10,000 €!

....

A obra de teatro *Michel Strogoff* que foi representada em Paris, pela primeira vez em 1880, foi recriada pela Companhia de Teatro Franco-Suíça e se efectuarão 10 actuações ao ar livre na pequena localidade de Lucelle. Nicolas Fresard e Agnès Torti têm a seu cargo a caracterização dos personagens de Strogoff e Nádia.

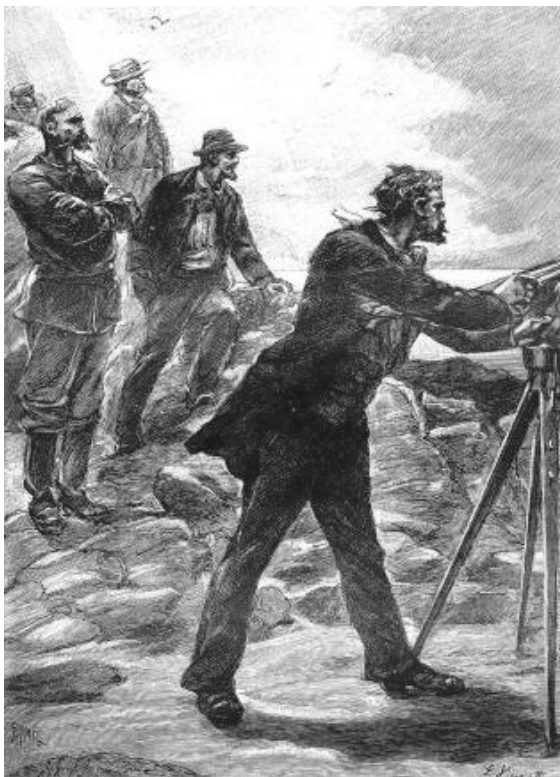
....

Na Inglaterra por estes dias fala-se de um projecto do filme baseado na obra *Clovis Dardentor* de Verne, que nunca foi editada nesse país.

Tudo é possível de um excêntrico, sobretudo se fôr inglês, diria Verne.



*Tenho aqui com o que matá-los,
Simón Hart!
E ao falar assim, o inventor
agita o tubo de cristal
que segura na mão*



*Enquanto o engenheiro Serko mede
com precisão a marcha do navio,
Thomas Roch instala-se no cavalete que
sustém os três artefactos
carregados com o explosivo*

Se fala de... Thomas Roch

Verne teve uma religião: a Ciência. Os seus personagens mais bem construídos são os sábios. O autor idolatra igualmente o cientista de gabinete (como ele foi) e o investigador que vai à fonte para explicar o fenómeno ou descobrir o local geográfico.

Entre os sábios das suas obras encontramos eruditos distraídos, amáveis humanistas, sombrios vingadores e cruéis vilões, mas nenhum é irrelevante

Thomas Roch, o personagem principal de *Em frente da bandeira* é um dos cientistas de laboratório que são atraídos para a aventura contra a sua vontade. Verne descreve-o como um génio inventor cujo “nome era conhecido na Ciência e ocupava um dos lugares predominantes no mundo dos sábios”. No entanto, “não há qualquer dúvida que estava sob a influência de uma doença mental; mas, até então os médicos não haviam notado uma perturbação definitiva das suas faculdades intelectuais.”

Thomas Roch é o herói trágico da história e o seu personagem é inspirado no químico francês Eugene Turpin, criador da melinita. Este sábio pretende vender a potências militares a sua nova descoberta, o *Fulgurador*, uma arma de destruição em massa; mas exige um preço tão elevado que nenhum país pode comprar o seu novo explosivo.

Rejeitado e escarnecido, o inventor cede à loucura, sendo internado num instituto psiquiátrico de onde é seqüestrado e obrigado a trabalhar sob o comando de um pirata que ambiciona o *Fulgurador* para dominar o mundo

Apesar das suas enfermidades, o seu patriotismo aflora no momento em que deve usar a invenção contra um navio de guerra francês e não hesita em sacrificar a sua vida em seu propósito de destruir a arma, a ilha e os piratas.

Durante sua prisão, Roch foi espionado pelo engenheiro Simon Hart, um compatriota seu que espera revelar o segredo da sua invenção para mantê-lo como propriedade da sua nação. Hart expõe também o espírito de lealdade à sua terra ao longo de seu cativeiro e é testemunha do acto heróico do cientista que acaba por lhe salvar a vida

O gesto altruísta de Thomas ao se sacrificar pela sua pátria, torna-o numa versão moderna do general Coriolano, personagem de Shakespeare que depois de ser banido de Roma, dirige um assalto à cidade, o qual é evitado quando cede aos pedidos da sua mãe; todavia o seu arrependimento levá-lo-á à morte.

Tanto Roch como Coriolano representam o verdadeiro patriota, uma vez que ambos atingem um momento de lucidez ao deixar de lado os seus rancores e oferecer a vida em compensação a uma traição imperdoável ●

Em frente da bandeira francesa

Cristian A. Tello

Cristian analisa uma das histórias mais apaixonantes e interessantes de Verne, que lhe provocou, inclusive, ser acusado.



Eugène Turpin é recebido pelos seus amigos ao sair da prisão depois de quase dois anos encarcerado.

Sobre o autor



destro777@hotmail.com
<http://www.geocities.com/paginaverniana/ctd.htm>

Engenheiro peruano que mantém um site na Internet sobre Verne desde 2004. É um dos vernianos mais ativos na América latina. Escreve artigos sobre o escritor, que publica em seu site. Também traduziu para o espanhol vários textos inéditos do francês. É um dos fundadores da *Mundo Verne*.

A melinita de Turpin.

“Meu velho Paul, o navio peixe-pássaro é absurdo. Eu sei. Além disso, tampouco o saberia fabricar. Por outro lado, como sempre acontece, após várias semanas de trabalho o meu tema se desvia, e deixará de ser um navio fantasma. O *Turpin* é o que tem levado, mas vou fazer que isso aconteça, em condições quase fantásticas, com a loucura como desenlace e locando-o num ambiente pouco comum.” Nesta carta dirigida ao seu irmão em 1894, Verne faz alusão a duas invenções a utilizar nas suas histórias. A primeira, o peixe-pássaro, apesar de inicialmente rejeitada pelo autor, será explorada em 1904 em *O senhor do mundo*. A outra, a que chama *Turpin*, é um mortal explosivo conhecido como melinita, capaz de criar uma bomba devastadora. No uso deste elemento perigoso se basearia na sua próxima obra.

Foi o químico francês Eugene Turpin (1848-1927), que tinha inventado em 1884 o poderoso explosivo que revolucionou a arte militar. Em 1885, Turpin patenteia a sua descoberta, mas será dois anos mais tarde, em 1887, que o governo francês adopta a invenção sob o nome de melinita, ao adicionar algodão-pólvora à mistura anterior baseada nas propriedades detonantes do ácido pícrico. Os problemas surgem ao notável químico quando as autoridades o acusam injustamente de traição à pátria, alegando que havia vendido a fórmula de seu explosivo a uma potência estrangeira.

Após ter sido condenado e encarcerado na prisão durante vinte e três meses, Turpin foi posto em liberdade em 1893, graças a uma campanha de apoio lançada por amigos próximos e por setores da imprensa que estavam convencidos da sua inocência. Infelizmente para ele, uma parte da sociedade francesa o rotulava como o autor intelectual de uma infâmia contra o seu país, de modo que o peso dessas qualificações não merecidas manchavam a sua dignidade de homem da Ciência e

respeitável cidadão. Mais tarde, o governo o reabilitou, ao condecorá-lo com a Legião de Honra, como um acto de reparação civil devido às ofensas proferidas à sua reputação

Enquanto isso, Verne escrevia *Em frente da bandeira*, uma obra que conta a história de um sábio francês transtornado que, sem sabê-lo, trabalha a serviço de um pirata cujo plano é dominar o mundo, baseado no letal explosivo que desenvolve em segredo. Mas quando o corsário enfrenta um navio de bandeira francesa, o inventor, num fugaz acto de lucidez e patriotismo, desvia o projectil e a sua poderosa carga que se dirigia contra ele, arriscando a sua própria vida.

A demanda por difamação.

O próprio Turpin levou algum tempo em perceber que a nova obra de Verne, que tinha sido lançada em capítulos entre Janeiro e Julho de 1896, era sua história e a da sua prodigiosa invenção. O irascível químico não interpôs uma queixa por difamação até Outubro, alegando ter sido ridicularizado na obra de Verne através da personagem de Thomas Roch, que tinha inventado o explosivo “a melinita” e tentado vendê-la sem êxito ao governo francês.

O julgamento que dominou a opinião pública, obrigou Verne a deslocar-se de Amiens a Paris para responder o processo. Hetzel proporcionou ao escritor um advogado de luxo: Raymond Poincaré, um futuro presidente da República. Dadas as circunstâncias, concluiu-se que Poincaré não tinha conhecimento das intenções do romancista enquanto escrevia *Em frente da bandeira*, nem tinha lido as cartas pessoais relacionadas com “o Turpin” das que hoje podemos dispor

O ancião Verne de sessenta e seis anos afirmou a sua completa inocência ao advogado, e lhe explicou que a sua obra inteira demonstrava que ele tinha anteposto as considerações literárias às alusões pessoais, e que não estava para iniciar agora, na sua idade, depois de ter publicado muitas

obras de ficção, escrever romances cifrados. Quando começou o julgamento, em Novembro, perante o tribunal correcional de Paris, Turpin expôs a sua acusação contra Verne, mas ninguém pode lê-la, porque, sob o pretexto de que o tema afectava a segurança nacional, o Tribunal de Justiça proibiu a publicação das provas.

Em meados de Novembro, na sequência da declaração de Turpin, Verne tomou a palavra: "Nunca pretendi referir-me ao senhor Turpin, a quem vejo pela primeira vez, confio inteiramente no meu advogado." Consciente de sua mentira, regressou a Amiens sem esperar que se concluísse o julgamento, confiando em que sua reputação e a audácia de Poincaré poderiam mais do que alguns factos que hoje sabemos serem verdade.

Ao infeliz cientista, tudo correu mal. O seu advogado disse que renunciava à expressiva demanda de 250.000 francos por danos e prejuízos e se contentava com uma quantia simbólica. Em seu fundamento, enumerou as semelhanças entre o sábio de Verne e seu cliente: "Na presente circunstância, o escritor não se comportou como outros que estive-



Eugène Turpin, químico que processou Verne ao sentir-se identificado com o personagem Thomas Roch da obra *Em frente da bandeira*

Capas das edições castelhanas



Capas das edições francesas



ram na mesma situação. Ele cometeu difamação, quis tirar a honra a um homem, e este é um comportamento muito pouco louvável."

Poincaré fez uma esmagadora defesa. Aparentemente convencido de que dizia, convenceu também o tribunal de que Verne não tinha utilizado o químico Turpin como modelo. O advogado não provou ser uma grande ajuda para o queixoso quando defendeu o direito que tem um autor de "apoderar-se dos factos que lhe chamam a atenção e utilizá-los para criar uma obra de ficção e simples fantasia", pelo que solicitou a anulação do processo por falta de provas. Era um argumento que podia convencer o tribunal, que não tinha acreditado nas declarações Verne quando assegurava que nunca tinha pensado em Turpin.

Era verdade, o escritor "tinha sido inspirado na personalidade e no comportamento do Turpin," mas não tinha qualquer intenção de o prejudicar! No ponto crucial da obra, disseram os juízes, o sábio demente recuperava a razão e fazia explodir a ilha e os perversos conjurados, agindo assim no benefício da nação francesa, um belo exemplo para todos.

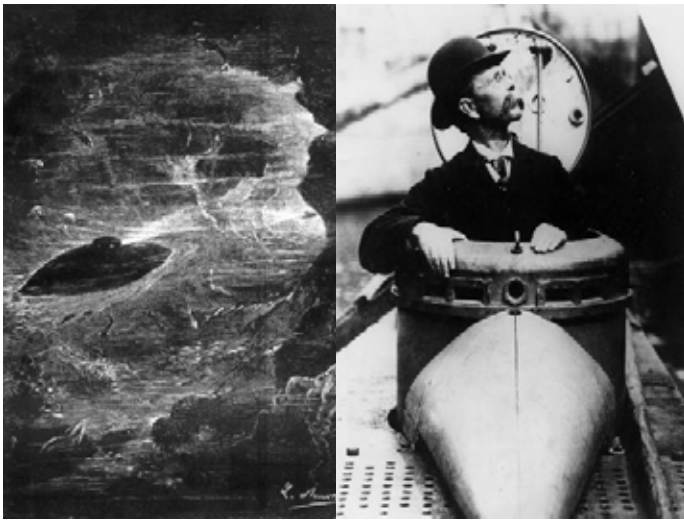
Não parecia muito provável que Verne estivesse pensando em Turpin quando descrevia a forma como o protagonista morria pela sua pátria, mas, se assim fosse o caso, Turpin não só não se deveria sentir ofendido, mas sim, sentir-se orgulhoso de que o consideravam digno de tal abnegada acção.

Sobre este rumoroso litígio, Verne escreve ao jovem jornalista napolitano Mario Turiello no início de Dezembro: "Tenho estado demasiado tempo ausente por conta deste processo que felizmente terá o seu desenlace no sábado próximo; assim o espero." Finalmente foi rejeitada a demanda do queixoso que, não concordando com a sentença, interpôs um recurso. Esta acção faz com que o tribunal peça novamente a Verne para que se defenda. Por este efeito, diz a Poincaré: "Apesar de o reumatismo das pernas que me faz caminhar a muito custo, irei a Paris para a audiência." Curiosamente, esta seria a última viagem da sua vida até a capital.

Em Março de 1897 foi emitido um outro acórdão, que confirma a decisão inicial da justiça. Não pode haver difamação se não há prejuízo deliberado e não existiu essa intenção que parece, de resto, inconciliável com o passado literário e elevado talento de Jules Verne.

Características e estrutura da obra.

Em frente da bandeira foi publicada no *Magasin d'Education et de Récréation* de 1 de Janeiro a 15 de Junho de 1896. Em Julho aparece no formato de livro, e em Novembro a edição ilustrada por Leon Benett. Escrito durante 1894, esta obra mostra que a visão do progresso e da ciência sofreu uma profunda mudança em Verne. A exaltação e o lirismo com



O submarino *Tug* da obra de Verne está inspirado no modelo imaginado por John Philip Holland para a Marinha norte-americana

que tinha saudado a Ciência como fonte de progresso na sua primeira fase literária, ocorre agora como uma sinistra premonição da Ciência sem consciência, como um factor de catástrofes; visão apocalíptica revestida de um carácter demoníaco já revelada na sua obra de 1879, *Os quinhentos milhões da Begum*.

O uso desproporcionado que dela podiam se fazer homens sem escrúpulos e ávidos de poder continuaria a obcecar Verne até o final de sua vida. *Em frente da bandeira* é um claro exemplo desta corrente;

arma criada pelo desequilibrado sábio da obra é baseado no uso do canhão pneumático “Zalinski”, uma popular invenção da época que foi aperfeiçoado pela fantasia de Verne. Coincidindo com esta perspectiva, diz-se que o escritor previu a ameaça nuclear através do controverso parágrafo: “este dispositivo explode, e a sua acção sobre as camadas atmosféricas é tão grande que qualquer construção, seja uma fortaleza ou navio de guerra, seria aniquilada num espaço de dez mil metros qua-

drados.”

história em que o presságio da bomba atômica está subjacente nos efeitos que o autor concede ao *Fulgurador Roch*, um explosivo orgânico altamente instável obtido da história em que o presságio da bomba atômica está subjacente nos efeitos que o autor concede ao *Fulgurador Roch*, um explosivo orgânico altamente instável obtido da

Da mesma forma, o míssil que contém a nova

A obra denuncia também o mau uso das novas tecnologias através do *Tug*, um submarino que é utilizado por piratas para atacar, destruir e pilhar os barcos que interceptam, aumentando o número de desaparecimentos inexplicáveis de navios na zona das Bermudas. No tempo de Verne, o termo “Triângulo das Bermudas” ainda não estava popularizado, mas a localização geográfica das operações do pirata Karraje parece bastante adequada para descrever esse mito.

O *Tug* está inspirado no primeiro submarino moderno da Marinha norte-americana, imaginado pelo engenheiro irlandês John Philip Holland, enquanto o seu rival, o *Sword*, tem as suas características a partir do submarino francês *Goubet*. No romance, o tenente Davon usa a o *Sword* para salvar Thomas Roch e o seu guardião, prisioneiros numa remota e solitária ilha.

Além de expor o pensamento de Verne em relação às armas, esta história de dezoito capítulos adverte do latente perigo que pode representar a Ciência como criadora de homens perversos, consagrados na figura de

Os personagens da obra

- Thomas Roch, francês, 45 anos. Inventor do mortal explosivo, o *Fulgurador*, pelo qual pede uma astronómica quantia. Perde a razão depois de sua pátria e outras potências rejeitarem a sua invenção, ao não lhe poder pagar o que exige. Enganado pelo seu delírio, entra em negociações com o pirata Ker Karraje que procura dominar o mundo através de meios bélicos.
- Simón Hart, 40 anos. Engenheiro francês radicado em EUA que, pelo nome de Gaydón, se oferece a cuidar de Thomas Roch num sanatório mental. O seu trabalho de guardião esconde a sua real intenção de descobrir a fórmula do explosivo. Mais tarde, é mantido sequestrado com o inventor durante cinco meses na ilha *Back Cup*.
- Ker Karraje, pirata legendário de origem malaia que opera nos mares do Oeste Pacífico. Depois de anos de suposto desaparecimento, volta ao mando de um grupo de piratas utilizando a falsa identidade de “conde de Artigas”. Investe em tecnologia moderna e financia o *Fulgurador Roch* para uso dos seus planos.
- Capitão Spada. Rude marinheiro italiano e grande criminoso. Principal colaborador de Ker Karraje e capitão da *Ebba*, uma escuna de nome norueguês ao serviço do milionário “conde de Artigas”.
- Engenheiro Serko, 40 anos. Grego instruído mas aventureiro, que gostava de procurar fortuna em ganhos auríferos. Desperdiçador do seu dinheiro na especulação e no jogo, une-se a Ker Karraje oferecendo os seus vastos conhecimentos ao serviço do grupo. É o criador dos planos do moderno submarino *Tug*.
- Tenente Davon. Oficial do navio da Marinha britânica *Standard*. Depois de ler a mensagem de socorro de Simon Hart, vai resgatá-lo juntamente com Thomas Roch da base secreta pirata, utilizando um novo navio, o submarino *Sword*.

um inventor louco e é, por sua vez, uma metáfora sobre a utilização da energia atômica e a forma com que o homem dispõe da Ciência para fins destrutivos

O argumento

Thomas Roch é o inventor de um novo e poderosíssimo explosivo, o *Fulgurador*, cuja fórmula guarda em segredo e que por ela exige uma soma fabulosa, ainda antes de realizar testes. Thomas Roch estava convencido de que sua descoberta significava a superioridade ofensiva e defensiva para o seu país, mas as suas pretensões foram tão altas que era quase impossível negociar com ele. Primeiro, ofereceu o artefacto à França, dando a conhecer à comissão encarregada de o receber, sua comunicação do que consistia a invenção. Tratava-se de um dispositivo de auto-propulsão, de fabricação especial, carregado com um explosivo composto de novas substâncias, e que só produzia o seu efeito perante um deflagrador, também novo. Mas a sua desmedida ambição faz com que o governo rejeitasse a sua proposta, sustentando que não pode fazer acordos com pessoas que não



O *Tug*, moderno submarino que reboca secretamente o navio *Ebba*.

se encontram na plenitude das suas faculdades mentais.

Decepcionado e ressentido com as autoridades da sua própria nação, tenta negociar com as poderosas Alemanha e Grã-Bretanha, que também desdenham a sua oferta perante a insistência do sábio que a sua invenção valia milhões. Quase à beira da loucura por causa do ódio e ressentimento com a continuação dos fracassos da sua infeliz tentativa, Roch viaja para os Estados Unidos, depois de saber que os americanos mostraram um real interesse na sua invenção. No entanto, a nação planeou detê-lo num manicómio até recuperar a lucidez dos seus actos.

Pouco antes da sua prisão em *Healthful-House*, na Carolina do Norte, e ciente de que a casa de saúde que o acolhia solicitava um guardião que falasse francês, apresentou-se um suposto norte-americano para esse encargo. Este personagem, que dizia chamar-se *Gaydon*, era na realidade *Simon Hart*, um engenheiro francês especialista em produtos químicos que vivia em *New Jersey*. A sua intenção era descobrir o segredo do sábio antes que este morresse ou o revelasse em alguma das suas crises e fosse utilizado por uma potência estrangeira

O conde de *Artigas* visita numa tarde o inventor no sanatório, e nessa mesma a noite sequestra-o, juntamente com o seu guardião, a bordo do *Ebba*. As buscas por mar e terra revelaram-se infrutíferas, pois foram colocados com precaução na escuna que logo ancorou em *Back Cup*, uma solitária ilha cheia de estranhas grutas e de labirínticas construções onde se alojavam muitos indivíduos e se escondiam significativos tesouros. *Simon Hart* anota no seu diário tudo o que acontece. Assim ele percebe que estão numa ilha das *Bermudas*, nas *Caraíbas*, fazendo-se passar por um vulcão queimando restos de algas, e que o falso conde, com a sua fisionomia malaia e não espanhola, é *Karraje Ker*, um conhecido criminoso que lidera um bando internacional



Simón Hart é resgatado pelo tenente *Davon* a bordo do submarino *Sword*.

de piratas.

Karraje tinha desaparecido repentinamente depois de uma extensa carreira delituosa nas ilhas do Pacífico que fizeram o seu nome temido em todo o mundo. Ninguém sabia que continuava a perpetrar crimes, mas em outra área de operações, em torno da mais rica costa leste da América do Norte. Lá, *Karraje* e o seu grupo levam uma vida dupla, pois o líder, sob o pseudónimo de "Conde de *Artigas*", é conhecido como um excêntrico milionário e assíduo visitante dos portos da costa oriental a bordo da sua escuna, a *Ebba*.

No seu aspecto externo, o navio aparenta navegar aparece apenas com velas, mas o seu poder de propulsão é do *Tug*, um moderno e secreto submarino que o reboca e lhe permite roubar a carga dos navios que afundam após assassinar os seus tripulantes. Na caverna, tanto *Simon Hart* como *Thomas Roch* têm liberdade, com a diferença de que o primeiro percebeu que *Karraje*, deseja utilizar o dispositivo explosivo para subjugar as nações livres.

Após estudar cuidadosamente as correntes, *Hart* envia com êxito uma mensagem dentro de um barril metálico, no que indica com detalhes as operações de *Karraje* e a sua intenção de apoderar-se do *Fulgurador*. *Dias*

depois, a mensagem é recolhida pelo *Standard*, navio da Marinha britânica com escala nas Bermudas. O tenente Davon, oficial do barco, acode em seu auxílio com a ajuda do *Sword*, um submarino que estava a realizar testes numa ilha vizinha. Secretamente, Davon e os seus homens salvam o inventor e seu guardião; mas a manobra é descoberta pelos piratas, dando início a uma batalha submarina que termina com o afundamento do *Sword*. No entanto, Hart e Roch são extraídos inconscientes do submarino britânico, enquanto que Davon e toda a sua tripulação morrem. Uma vez reanimado, Hart convence os piratas de ter sido sequestrado pelos marinheiros, e que não tinha nada a ver com as suas acções na ilha, regressando à sua habitual liberdade.

Advertidas pelo não regresso do submarino *Sword*, as autoridades decidiram então enviar uma nova expedição, organizada em termos ofensivos. Assim, as potências marítimas acordam enviar cinco navios de guerra para as Bermudas. Ao mesmo tempo, Roch termina de construir o seu *Fulgurador*, o qual está pronto para repelir as forças atacarão a ilha dos piratas. A arma é manejada apenas pelo sábio que conhece o seu funcionamento, e que não tem qualquer objecção em utilizá-la contra os navios britânicos ou americanos

A esquadra desloca-se lentamente em até *Back Cup*, e o primeiro barco que se aproxima é facilmente destruído pelo *Fulgurador*. Em seguida, o *Tonnant*, o mais rápido dos outros navios aparece na linha da frente de ataque. Para surpresa de Karraje, escutam-se tambores com música francesa, enquanto Roch se paralisa

ao reconhecer que no navio tremula a bandeira da sua pátria. Nesse momento já não é vítima das suas crises mentais, sendo agora dono de si mesmo. Os piratas desesperados ordenam a Roch que lance os seus mísseis, mas é inútil, pois o seu sentimento de patriotismo, que ainda não está morto, fá-lo compreender que não pode trair o seu país natal, a França.

Finalmente, o inventor luta com Karraje e os seus homens, que pretendem utilizar o deflagrador a todo



Cena de *Uma invenção diabólica*, filme do cineasta checo Karel Zeman baseado na obra *Em frente da bandeira*.

o custo. Na luta, o poderoso explosivo cai e destrói a ilha, o *Fulgurador*, os piratas e o próprio Roch que leva o seu segredo. O único sobrevivente do desastre, encontrado pelos marinheiros franceses, é Simon Hart, cujo corpo inerte foi recolhido na área atingida juntamente com o seu diário de apontamentos. Quando o engenheiro recupera o sentido relata as últimas horas de Roch, testemunhando que, após a recuperação de sua lucidez, o sábio deu a vida pelo seu país num acto de genuíno patriotismo.

O filme

Em frente da bandeira motivou o mestre do cinema checo Karel Zeman a realizar, em 1958, um filme intitulado *Uma invenção diabólica*.

Trata-se de uma adaptação cuja linha argumental foi emprestada do enredo do livro de Verne. O filme conta a história do professor Roch, que está à beira de completar uma descoberta revolucionária.

O inventor é raptado por Artigas, um cruel pirata que o força a trabalhar numa base secreta localizada numa desconhecida ilha, onde a invenção deve servir-lhe para as suas criminosas intenções. Embora o professor tenha a intenção de usar seu explosivo para o bem da humanidade, proporciona, sem saber, uma poderosa arma ao criminoso. O assistente do cientista, Simon Hart, tenta alertá-lo da mentira de Artigas e do seu grupo de piratas com o fim de abortar os seus planos mortais com a ajuda de uma jovem naufraga de nome Jana. Assim, Hart consegue enviar uma mensagem de alerta ao mundo, mas o bandido termina a criação de um enorme canhão alimentado pelo genial descobrimento do professor. Poderão detê-lo?

Karel Zeman transformou este filme num dos maiores êxitos da cinematografia tcheca. A sua refinada técnica de animação ao combinar magistralmente actores reais com marionetes e gravações da época, dão ao filme esse toque mágico que fez tão populares as suas produções, destacando-se entre elas a sua pequena colecção *O fabuloso mundo de Jules Verne* ◆

Bibliografia

- Lottman, Herbert. *Jules Verne*. Editorial Anagrama, Barcelona, 1998.
- Verne, Jules. *Ante la bandera*. Colección Molino, Barcelona, 1958.
- *Turpin à la prison d'Étampes*. No endereço, <http://www.corpusetampo.com/che-19-1893petitjournal-turpin.html>
- Wikipedia. *Facing the flag*. http://en.wikipedia.org/wiki/Facing_the_Flag.

Quatro argentinos falam de um francês

Eliseo Monteros



À esquerda, capa de *La vuelta al día en ochenta mundos*, livro de Julio Cortázar, que constitui uma homenagem a Jules Verne. À direita, uma foto do próprio escritor.



eliseo-monteros@hotmail.com

Bibliotecário e escritor argentino. Já trabalhou em bibliotecas universitárias e escolares.

Admirador da obra de Verne e autor de livros como *Antes de volver a empezar* (contos, 2005) e *Diccionario biográfico de bibliotecarios y bibliotecólogos* (inédito).

Os livros de Jules Verne têm sido lidos em todo o mundo, e as referências a ele e à sua obra aparecem numerosas ocasiões em contos, obras, e ensaios de escritores de diversos países. A literatura argentina não tem sido uma exceção, e neste artigo faremos uma revisão por algumas das referências que lá aparecem, colocadas por autores muito conhecidos e dispostas em ordem cronológica.¹

Adolfo Bioy Casares (1914-1999) destacou-se pelo seu humor e o seu sentido do exótico e do fantástico. Escreveu obras

¹ Como a palavra «algumas» indica, esta não é uma exaustiva recontagem das referências a Verne na literatura argentina; apenas está baseado nas obras que possuo na minha biblioteca.

Quatro escritores argentinos de diferentes épocas falam, cada um à sua maneira, de Verne. Neste breve artigo propõe-se uma exploração da influência que teve o escritor francês sobre estes sul-americanos.

como *La invención de Morel* (1940) e *El sueño de los héroes* (1954) e coleções de contos como *La trama celeste* (1948). Foi amigo e colaborador de Jorge Luis Borges e obteve prestigiosos prêmios. O seguinte excerto corresponde ao primeiro capítulo da obra *Plan de evasión* (1945):

Em 27 de Janeiro de 1913, o meu sobrinho embarcou no *Nicolas Baudin*, rumo a Cayena. Passou os melhores momentos da viagem com os livros de Jules Verne, ou com um livro de medicina, *Los morbos tropicales al alcance de todos*, ou escrevendo a sua *Addenda a Monografía sobre los juicios de Oléron*; os mais ridículos, tendo conversas sobre política ou sobre a próxima guerra, conversas que depois lamentou não ouvir.

Julio Cortázar (1914-1984), um dos escritores argentinos mais conhecidos no mundo, residiu em Paris desde 1951. A sua obra narrativa inclui *Bestiario* (1951), *Las armas secretas* (1959) e a sua fundamental obra *Rayuela* (1963). Escreveu também *La vuelta al día en ochenta mundos* (1967), que é, entre outras coisas, uma espécie de homenagem a Jules Verne. No seguinte excerto do conto *Las ménades* (*Final del juego*, 1956) faz-se uma interessante alusão a um relato de Verne, *Une fantaisie du docteur Ox* incluída na coleção de contos *Le docteur Ox*, em 1874:

De todas as maneiras esses rostos rubicundos, esses pescoços transpirados, esse desejo latente de seguir aplaudindo ainda fora no foyer ou no meio da rua, me fazia pensar nas influências atmosféricas, a humidade ou manchas solares, coisas que frequentemente afectam os comportamentos humanos. Recordo-me de que nesse momento pensei se seria algo agradável não estar a repetir a memorável experiência do doutor Ox para incandescer o público.

Jorge Luis Borges (1899-1986), considerado costumeiramente como o maior escritor argentino, desenvolveu a poesia, o



Foto onde estão os escritores argentinos Adolfo Bioy Casares e Jorge Luis Borges, dois dos autores que escreveram sobre o criador de *As Viagens Extraordinárias*.

conto e o ensaio. Autor de *Ficciones* (1944), *El Aleph* (1949) e *Otras inquisiciones* (1952), entre outras obras. Não foi um grande admirador de Verne, o que considerava – por razões fáceis de discordar – como muito inferior a Wells.² Talvez essa opinião se tenha modificado nos seus últimos anos, como parece sugerir nesta passagem de *El viaje en globo* (*Atlas*, 1984), em que ambos os escritores, a que se adiciona Edgar Poe, aparecem em fraternal companhia:

O passeio, que duraria uma hora e meia, era também uma viagem por aquele paraíso perdido que constitui o século dezanove. Viajar num balão imaginado por Montgolfier era também voltar às páginas de Poe, de Jules Verne e de Wells.

Alberto Manguel (n. 1948) é argentino e canadense, ainda que resida em França. Autor em língua inglesa, algumas das suas obras traduzi-

das em espanhol são *Guía de lugares imaginarios* (1993) e *Una historia de la lectura* (1996). O que se segue, e para finalizar, é o último parágrafo de um bonito ensaio intitulado *La biblioteca del capitán Nemo: Jules Verne*, pertencente ao livro *Nuevo elogio de la locura* (2006):

Depois da terrível cena de destruição que se seguiu, o professor Aronnax tentou dormir mas não conseguiu. Na sua imaginação, revive a história desde o início, como se folheasse um livro já lido, e à medida que se recorda, o capitão deixa de ser ele e se converte «num homem das águas, no génio dos mares». Perante os olhos dos nossos leitores, o professor Aronnax, personagem da obra de Verne, caracteriza-se ao leitor nas suas próprias aventuras nas que o capitão Nemo já não é um homem como ele mas sim algo mais vasto, menos compreensível, mais espantoso, menos próprio da imaginação de Jules Verne que da mítica biblioteca universal. Nesse ponto mágico, protagonista e autor, autor e leitor, leitor e protagonista confundem-se num só personagem, dentro e fora do livro, suspenso entre a época da obra e a de nós lendo-a hoje ●

² Essas razões estão expostas no primeiro ensaio *El primer Wells*, de *Otras inquisiciones*, e fundamentam-se principalmente no que Borges vê como o carácter simbólico das obras de Wells. Outro escritor argentino, Tomás Eloy Martínez, expressou o seu desacordo com Borges: “... apesar de o vulcão do Pólo Norte ser uma das metáforas mais assustadoras e originais da literatura ...”, disse referindo-se à *Aventuras do Capitão Hatteras*, e adiciona perto do fim: “Que Verne seja relegado para aos porões da literatura para que se possa exaltar, em comparação, a medíocre obra de Wells, é uma injustiça e um empobrecimento.»

Bibliografia

- Bioy Casares, Adolfo. *Obras completas*. Barcelona. Buenos Aires. Grupo Editorial Norma, 1997.
- Borges, Jorge Luis. *Obras completas*. Buenos Aires. Emecé, 2007.
- Cortázar, Julio. *Ceremonias*. Buenos Aires. Planeta Argentina. Seix Barral, 2000.
- Gran Enciclopedia Salvat. Barcelona. Salvat, 2003.
- Manguel, Alberto. *Nuevo elogio de la locura*. Buenos Aires. Emecé, 2006.
- Martínez, Tomás Eloy. *El escritor secreto*. Em: Verne, Jules. *Dos años de vacaciones*. 2a. reimp. Baelcona ; Buenos Aires : Grupo Editorial Norma, 1997.

Verne fala da Argentina

... Das catorze províncias que compõem a república argentina, a de Buenos Aires é, ao mesmo tempo, a mais vasta e povoada. A sua fronteira confina nos territórios índios do sul, entre os graus sessenta e quatro e sessenta e cinco. O seu solo é espantosamente fértil. Um clima particularmente salubre reina sobre esta planície de plantas arborescentes e leguminosas, coberta de gramineas e que apresenta uma horizontalidade quase perfeita até junto das serras Tandil e Tapalqué...

...

... Era a serra Tapalqué, no sopé da qual os viajantes acamparam na noite seguinte. A passagem desta serra foi feita no dia seguinte com a maior facilidade do mundo...

Os filhos do capitão Grant
1ra parte. Capítulo XX

Curiosidades da cena verniana*

Volker Dehs

Tradução castelhana: Ariel Pérez e Cristian Tello

Sobre o autor



volker.dehs@web.de

Depois de mais de 25 anos, Volker Dehs (nascido em 1964, em Bremen, Alemanha) enriqueceu, com mais de 120 artigos, os conhecimentos sobre a vida e obra de Jules Verne.

Depois de uma primeira biografia publicada em 1986 (versão castelhana em 2005), tem feito sínteses das suas investigações numa biografia crítica em alemão publicada em 2005, em Dusseldorf, que é considerada com a mais completa e profunda que se fez.

Encontrou e editou numerosos textos ignorados de Jules Verne (obras de teatro, discursos, cartas, etc.). É co-editor (junto com Olivier Dumas e Piero Gondolo della Riva) da correspondência Verne-Hetzel publicada em 5 volumes.

Prepara neste momento um detalhado catálogo de obras de Jules Verne e faz parte de um grupo piloto que prepara a publicação de uma edição crítica das obras completas de Verne.

À procura do absoluto.

«Quando Jules Verne morrer, continuará escrevendo.» Esta oração profética (e para o investigador, tão atractiva como desanimadora) de há cem anos ainda não foi desmentida depois de ter sido escrita por um jornalista do *Gil Blas*.¹ Até porque existem vernianos que –à maneira do seu modelo em *Da Terra à Lua*– contaram as palavras (porque não as letras e os pontos de exclamação?) das *Viagens Extraordinárias* e nos dizem qual a sua importância em relação ao número de palavras contidas nos textos que apareceram depois da morte de Jules Verne.

Depois da série de «obras póstumas» e «versões originais» («pré-originais», «rascunhos», como muitos dizem com desdém), seguido pelos «contos e obras da juventude», as «poesias inéditas», passando pelas diversas correspondências (certamente, estas últimas o autor nunca as considerou para serem publicadas, a não ser algumas excepções), até o repertório dramático que parece francamente inesgotável e as entrevistas do mestre (que tem o dilema de pertencer ou não à obra), a colheita dos tesouros inéditos ou ignorados de Jules Verne ainda não se esgotou.

Mais recentemente têm surgido algumas críticas de arte que não são apócrifas. Espera-se, além disso, a edição original da *Conquête scientifique et économique du globe* de Gabriel Marcel (de 1881 a 1888), com rascunhos corrigidos, em parte, por Jules Verne, com pelo menos 101 ilustrações de Bennett e Roux, em diversos arquivos e colecções particulares. É certo que um dia, quem sabe no bicentenário do nascimento, sairão do sonho

Então? Ainda está por se encontrar a comédia *Les Savants*, me dirão. Também

Uma das facetas menos exploradas e discutidas em Verne por parte dos especialistas é a de Jules como dramaturgo. Volker, um dos mais reconhecidos estudiosos do autor, propõe falar sobre certas curiosidades teatrais.

alguns milhares de logogrifos, *Confitebor*, pequeno livro sobre o campesinato escrito por Charles Lemire². Serão encontradas, sem dúvida. E depois? Quem sabe? Uma reconstrução das primeiras versões das obras com a sua escrita original, sem a correcção de Hetzel? Uma publicação integral das composições vernianas (Jules, Paul e Michel todos reunidos), por exemplo, cuidadosamente anotada por Robert Pourvoyeur? As melodias interpretadas de uma maneira mais autêntica por Jean Verne, tocadas por vezes com esse misterioso quarteto de corda de Frédéric Chopin que Jules Verne revelou a existência em *A ilha de hélice* (1ª parte, capítulo I)?...a sonhar... ou uma bela exposição de desenhos e quadros assinados por Verne e que têm sido esquecidos, ignorados, mas encontrados, num belo dia, numa caixa forte perdida no sótão dos descendentes do tio Chateaubourg?... Será? A força da procura...

Visto ainda não termos chegado a esse ponto e para celebrar o centenário da boa palavra do senhor Ernest-Charles, me parece interessante reunir aqui as informações mais ou menos completas sobre algumas obras mais ou menos dramáticas nas que Jules Verne colocou mais ou menos as suas mãos... ou nada. Não pretendo ser exaustivo, por já conhecemos aquele que: «Quando Jules Verne morrer...»!!

Les pâtés d'Amiens (1874)³

Em 16 de Janeiro de 1874, teve lugar no teatro Municipal de Amiens a primeira representação de um espectáculo local. Esta produção provocou sensação na cidade, ainda que a sua qualidade tenha deixado a desejar, e intitulava-se *Les Patés d'Amiens, pièce montée de revue locale en 4 brioches*

² Charles Lemire: Jules Verne... Berger-Levrault & C^a 1908, pp. 56 e 145, nota 1..

³ Trata-se de um jogo de palavras utilizado por Verne. Por um lado, Amiens é bem conhecida pelos seus pâtés de canard (patés de pato). Por outro lado, pâté significa também miscelânea. (N. do T.)

* Publicado em *BSJV*. no. 160 (2006), pp. 33-44.

¹ J. Ernest-Charles: «Morts vivants», em: *Gil Blas* número 9.626 de 23 de Dezembro de 1906, p. 1. Ver V. Dehs: «Michel piqué au vif», em: *BSJV* número 122 (1997), p. 16.

et 8 petits fours⁴. O autor produziu com o seu pseudónimo X***, o que deu lugar a todo o tipo de hipóteses que chegaram a atribuir a obra a Jules Verne. O escritor, ausente de Amiens, encontrava-se então no cabo de Antibes para colaborar com Adolphe d'Ennery na adaptação de *A volta ao mundo em oitenta dias*, estando evidentemente a cuidar dos seus interesses como futuro dramaturgo. Isto é o que explica a publicação do seguinte artigo, no *Journal d'Amiens* de 22 de Janeiro de 1874, na secção «Crónica local»:

« Existem pessoas que têm idéias divertidas, existe também gente que experimenta o desejo de imiscuir-se nos assuntos de outros e frequentemente os segundos confundem-se com os primeiros.

Existe o modo de impedir que um francês fale do que não conhece, pelo pretexto de que se publique nos jornais que se prestem para torná-lo conhecido? E Deus sabe que os jornais têm sempre uma falsa desculpa quando se trata de perdoar alguma idéia absurda que emerge do cérebro de um charlatão!

«Esta introdução é para dizer que a imprensa de Amiens não atribuiu, pelo menos que saibamos, uma colaboração em nenhum sentido ao senhor Jules Verne na obra que é representada neste momento no teatro.

«Esta insensata idéa, contra a

que protesta o autor de *Cinco Semanas em um Balão*, de *Volta ao mundo em oitenta dias* [sic] e de tantas outras encantadoras produções, saiu unicamente do cérebro de um senhor que tem o desejo de dizer qualquer coisa
« Não duvidamos que a carta seguinte não o faça se vangloriar sobre a notícia que pôs em circulação. Desejamos também, sem esperar muito, que corrija uma falsa informação que o público atribui à imprensa.

« Paris, 20 de Janeiro de 1874

« Meu estimado senhor Jeunet,
« Recebi uma carta de Amiens que me diz que se comenta na localidade, que colaborei na representação local que está ocorrendo no teatro da cidade. Obrigam-me, por tanto, a desmentir esse comentário da maneira mais formal. Muito obrigado do
« Seu mais fervoroso admirador,
« Jules Verne.»

O autor verdadeiro revelou a sua identidade depois deste protesto do autor das *Viagens Extraordinárias*, e chama-se Adolphe Lepailleur (o Le Pailleur). O mesmo Lepailleur, um autor provinciano prolífico que publicou algumas poucas obras de teatro e que assinou, com o seu nome, mais tarde, um espectáculo intitulado *Le Tour de Rouen en 80 personnages*, representada no Teatro municipal de Rouen a 15 de Maio de 1875.

***Le Docteur Ox* (1877)**

Como se disse anteriormente, Verne não colaborou para a ópera cómica de Offenbach que foi uma adaptação do seu conto *Uma fantasia do Doutor Ox*. Esta obra foi representada de 26 de Janeiro a 5 de Março de 1877 no Teatro de Variedades (39 representações e não 42 como se tem dito frequentemente). Jules, na sua qualidade de pai inspirador, compartilhou os direitos de autor com Philippe Gille (1831-1901) e Arnold Mortier (1843-



Jacques Offenbach, autor da ópera *Le docteur Ox*.

1885), 6% dos ingressos (2.389,31 F cara cada um) enquanto que Offenbach leva só para si 6% como de costume, de acordo com as directivas da Sociedade de Autores e Compositores Dramáticos. É realmente pouco crível que o autor não tivesse estado em contacto, durante a elaboração do libreto, com Gille que era um dos seus melhores amigos (que além disso tuteava, algo bem raro). A prova de que teve parte activa no projecto, mais do que se acredita até aos dias de hoje, é uma carta sem data, enviada por Jules a Gille de Nantes e que foi mostrada depois da exposição *Jules Verne. Le retour à Amiens* em 2001. Nesse documento, Verne anuncia que chegará a Paris «dentro de quinze dias» para tratar com ele certos problemas da adaptação: «Não posso responder-lhe abruptamente. Se os personagens que devem manter sua razão, o fazem conscientemente, será algo fácil por meio de outro gás. Se a mantém sem sabê-lo, será mais difícil, mas se encontrará o meio. Conserva, portanto, este efeito. Fez da jovem e simples namorada a sua primeira prioridade e logo a mostrou como Agnès no 1º acto, convertendo-se numa Schneider pela influência do oxigénio?»⁵ Complicadas, com

5 Alusão a Hortense Schneider (1833-1920)

4 «Como se deve esperar, a imprensa teria o maior papel; grandes e pequenos jornais mostraram-se perante o público, expondo a sua maneira de ver as coisas, prestando dessa forma a uma série de observações mais ou menos burlesca. Explicaram ao senhor Canardin, que está perto de fundar um novo jornal, as grandes dificuldades desta difícil profissão onde, mais que noutras, é difícil satisfazer todo o mundo... e seu pai. Este senhor Canardin joga em cena o papel de um provinciano que acaba de chegar a Paris, onde um primo atencioso (ao contrário de o ser) lhe mostra sucessivamente as belezas da capital.» *Journal d'Amiens. Moniteur de la Somme*, número 5.198, 18 de Janeiro de 1874, p. 2..

efeito, as colaborações.⁶

Durante a recente exposição *Voyage au centre de Jules Verne*, o museu de cartas e manuscritos mostrou outra carta de Verne a Gille que data dos finais de 1875 e precede a elaboração da obra⁷:

« Amiens, sexta-feira [27 de novembro de 1875]

« Caro velho,

« Há alguns meses tratamos a questão de levar o *doutor Ox* ao teatro, não em ópera, mas sim em ballet. A respeito, acredito que falaram com Meyer de la Opera.⁸. Entro nesta peça como autor do livro. Não sei o que será do assunto. Irei a Paris dentro de alguns dias e depois lhe direi.

« Em princípio, estou sempre disponível a autorizar que se retire das *Viagens Extraordinárias* tudo o que se possa converter ao teatro, sempre e quando eu tiver uma parte dos direitos. Digo isto de uma forma geral. Desta forma e, sem ser consultado, tomaram certamente o ponto de partida e o desenlace de *Viagem à Lua*.

« Até logo. Muito boa sorte.

« Teu velho

« Jules Verne

Pois bem! Já vão 6 meses de pri-

são⁹. Não é suficiente. Publicou-se o terceiro volume de *A ilha misteriosa*¹⁰. Irei-to enviar. Já tens os dois primeiros.»

Mathias Sandorf (1887)

A publicação da obra *Mathias Sandorf* em 1992 graças ao trabalho de Robert Pourvoyeur lançou pouca luz, a não ser o conhecimento do papel que Jules Verne desempenhou nesta adaptação de sua obra. Seu nome não apareceu nos cartazes do teatro da Ambigu-Comique onde se iniciou a obra em 27 de Novembro de 1887 e se encenou até 14 de Fevereiro de 1888. Não foram as 85 representações indicadas nas publicações



Robert Pourvoyeur, recentemente falecido numa foto tirada há alguns anos..

anuais de Noël e Stoullig, mas sim 94, das que 10% das receitas foram repartidas, em partes iguais entre os autores Busnach e Maurens (Jules Henry), correspondendo 6.164,54 F. a cada um¹¹.

9 Trata-se do pintor Gaston Mélingue que acabava de ser condenado por ter agredido e ferido Philippe Gille perante o pretexto que este último, num artigo que apareceu no "Figaro", tinha atentado contra a honra do seu pai, um antigo actor.

10 El 28 de octubre de 1875.

11 Segundo os registos do teatro de Am-

Na minha opinião, é improvável que Jules Verne tenha formado parte activa da adaptação de *Mathias Sandorf*, devido ao estado de saúde que o prendia em Amiens durante os dezoito meses que se seguiram ao atentado de 9 de Março de 1886. Apesar de aparentemente ter revisto o texto inicial, não parece ter participado na revisão final da obra, como se deduz nos comentários de Hetzel filho a esse respeito.¹² Um artigo publicado num jornal de Amiens, sete meses antes da criação da obra, confirma o que se acaba de afirmar:

« Os senhores Jules Verne e William Busnach são antigos camaradas da Bolsa. Faz já uns trinta anos que trocavam, na oficina dos empregados, os contratos dos seus respectivos patrões.

« Acabam de acordar um contrato de outro género. E refere-se ao seguinte:

« O senhor Jules Henry, amigo particular do senhor Verne, adaptou *Mathias Sandorf* e fez, para representar, um drama em quinze cenas e pediu ao escritor do Temps a autorização para escrevê-lo. O senhor Jules consentiu, na condição que o senhor Henry, autor debutante, seja ajudado nesse trabalho por um colaborador de experiência reconhecida. De comum acordo, seleccionou-se o senhor Busnach, que pôs mãos à obra imediatamente.

« O senhor Jules Henry que ocupava actualmente as funções de chefe da secretaria do senhor

bigu-Comique conservados nos arquivos da SACD. Agradeço à senhora Florence Roth por ter-me recebido com muita amabilidade e paciência. Chegando a Bruxelas nos finais de Novembro, Jules Verne conduziu pessoalmente as negociações para as representações da obra no teatro de Alhambra. Ver Perkéo: «Lettre de Bruxelles.» Em: *Le Figaro*, 23 de Novembro de 1887, p. 2

12 Ver carta de 3 de Dezembro de 1887 em *Correspondance inédite de Jules et Michel Verne avec l'éditeur Louis-Jules Hetzel* (1886-1914), tomo I (Slatkine 2004), p. 72..

que se retirou do palco em 1881. «Agnès» é a personagem cheia de franqueza, pureza e inocência, nomeada assim pela personagem de *L'École des femmes* de Molière.

6 Esta é a forma que Jean-Claude Yon, sempre bem documentado, descreve a gestação da obra: «Desde Fevereiro de 1876, a imprensa teatral tinha comunicado o estado de um projecto baseado em Doctor Ox que o escritor tinha em preparação para a sala do boulevard Montmartre. Já se tinha tido em conta a sua transformação em ópera bufa? Em qualquer caso, Arnold Mortier e Philippe Gille não demoraram em colaborar no projecto e decidiu que Verne conservaria o anonimato recebendo uma parte dos direitos.» J.-C. Yon: *Jacques Offenbach*. Gallimard 2000, p. 554..

7 Reproduzido em desenho no catálogo da mencionada exposição, p. 16.

8 Ainda se falará dele em Maio de 1877 numa carta de Hetzel a Verne. Ver a *Correspondance inédite de Jules Verne et de Pierre-Jules Hetzel* (1863-1886), tomo III (Slatkine 2001), p. 179.

Presidente do Conselho, ministro do Interior, deixou excelentes lembranças em Amiens onde viveu durante muitos anos.

« Felicito-lo por se ter juntado ao teatro pela tutela do nosso ilustre cidadão, o senhor Jules Verne e desejamos-lhe um brilhante êxito.»¹³

Na sua introdução à obra, Robert Pourvoyeur indica uma carta de Verne aos autores que apareceu em 9 de Dezembro de 1887 no *Figaro*. Depois de verificar, comprovou-se que realmente apareceu em 6 de Dezembro:

« Meus queridos amigos,

« Na presença do êxito real do nosso *Mathias Sandorf*, autorizo com muito gosto em basear-se em qualquer das *Viagens Extraordinárias* que seleccionem e elaborar uma obra teatral que espera ser a réplica do drama do Ambigu.

« Amiens, 4 de Dec. de 1887.»¹⁴

Famille sans nom (1902) y Simon Morgaz (1913)

Um caso semelhante é o da adaptação da obra *Família Sem Nome* pelo filho de Émile Bergerat, genro de Théophile Gautier e amigo íntimo de Michel Verne. Foi, sem dúvida, alguns anos depois das férias passadas com a família de Michel em Foubertie, perto de Dinard (onde viviam também os Bergerat), no Verão de 1893, que o escritor concedeu a possibilidade de uma adaptação da sua obra ao jovem Théo Bergerat (1879-1934). Um documento ignorado que chegou às nossas mãos¹⁵, esclarece as relações entre ambos os autores:

« Amiens, 22 de agosto del 97

13 *Le Progrès de la Somme* número 5.144, 13 de Abril de 1887, p. 2.

14 Carta publicada pelo jornalista Jules Prével em: *Le Figaro* número 340, 6 de Dezembro de 1887, p. 3..

15 Carta reproduzida em desenho. Georges Bastard: *Jules Verne. Sa Vie. Son Œuvre*. Em *Revue de Bretagne* (Nantes), vol. 5, nº 36 (1906), p. 50.

« Estimado senhor,

« Respondendo à sua carta, renovo por dois anos a partir deste dia a autorização para realizar uma obra teatral baseada na minha obra *Família Sem Nome*. Entenda-se que esta autorização dá-se também em conformidade com as regras estabelecidas para escritores e autores por parte da Sociedade de Autores Dramáticos.

« Reservo para si a peça e não desejo interferir em modo algum, nem mesmo lê-la. Apenas posso aconselhar-lhe algo: troque o final do livro e termine-o em boa forma em vez de lhe dar um final triste.

« Aceite, lhe peço, toda a minha consideração.

« Jules Verne»

Sabe-se que o resultado, representado em 1902 no teatro Château d'Eau, apenas teve fama¹⁶. As decepcionantes vinte representações (com matinés incluídas), entre 29 de Março e 13 de Abril, proporcionaram aos proprietários dos direitos a irrisória quantia de 1.647,80 francos, a repartir por todos. O texto permaneceu inédito e não existe sequer manuscrito nos arquivos da Censura. Contudo, algo que se ignora é o final da peça que foi representada em Amiens em 17 de Junho de 1903, exactamente dois meses depois de duas sessões muito aplaudidas¹⁷ de *Os filhos do capitão Grant* feitas pelo circo Romano. Pelo contrário, esta representação do

16 Robert Pourvoyeur. "Le Québec au Château d'Eau". Em: *BSJV* nº 55 (1980), pp. 266-268.

17 Jules Verne e a sua mulher assistiram juntos à estreia: "Quando o Sr. e Sra Romain os vieram cumprimentar no seu camerim, o dois demonstraram-lhes toda a sua satisfação. O mesmo que dizer aos intérpretes, do teatro e do ballet, quanto foi tocado pela rectidão e pelo sentimento artístico que todos eles aportavam na expressão dos personagens. É inútil acrescentar que quando esta aprovação foi autorizada tornou-se uma realidade agradável para todos." (D. D'Ambiani: *Crónica teatral, Le Progrès de la Somme*, 22 de Abril de 1903, p. 3).

elenco do circo Bourgeois não suscitou quase entusiasmo no público. O anúncio, contudo, era de dar água na boca:

« É com agrado que anunciamos aos nossos leitores que a representação tão esperada da célebre obra do senhor Jules Verne, *Família Sem Nome*, será no dia 16 [sic] de Junho, no teatro de Amiens pela hábil direcção do Sr. Bourgeois, o ex-empresário de *Cyrano de Bergerac*.¹⁸

« Esta obra magnífica não contém menos de dez actos, a maior parte, sensacionais; duas companhias acrobáticas, os Doungal e os Livengstone, que nos seus exercícios burlescos e perigosos aumentarão a atracção desta bela representação, cujo esplendor será realizado por uma interpretação de primeira classe e um material totalmente novo.»¹⁹

Segue a narração do mesmo diário que difere consideravelmente dos prematuros elogios:

« Não nos iremos estender muito

18 Peça célebre de Edmundo Rostand, montada nos finais de Dezembro de 1897 no teatro da *Porte-Saint-Martin*. Em 2 de Janeiro seguinte, *Le Gaulois* informa num artigo intitulado *Jules Verne e Rostand*: "Entre as milhares de cartas de felicitações que chegaram à casa do Sr. Edmundo Rostand para o saudar do êxito triunfal da sua obra mestra *Cyrano de Bergerac*, houve uma que particularmente tocou o jovem poeta, e que curiosamente destacou-se. É a homenagem do Sr. Jules Verne, o grande escritor fantasioso. Da tranquila cidade de Amiens, onde reside, Jules Verne elogiou sobretudo o seu colega já célebre por ter posto em cena um dos seus ilustres predecessores. Refere-se às obras que escreveu com Cyrano de Bergerac, as quais se intitulam *História da República do Sol* e *Viagem à Lua*, citando uns exemplos, que podem ser classificadas na série de *Viagens Extraordinárias* de Jules Verne." Recordemos que é no nome de Héctor Savinien Cyrano de Bergerac que Jules Verne criou o seu herói Héctor Servadac. Esta aproximação parece-me muito mais convincente que os eternos cadáveres em palíndromo, que em todo o caso são interpretações -na minha opinião - exageradas..

19 "Teatro de Amiens" Em: *Journal d'Amiens. Moniteur de la Somme*, 13 Junho de 1903, p. 2.

a falar sobre a grande *farsa* que constituiu a representação na noite de terça-feira da companhia Bourgeois. Se este empresário teve a intenção de burlar o público, então pode vangloriar-se de ter conseguido um êxito brutal!

« Apresentou-nos uma obra pouco interessante (vale a pena realçar que o nosso eminente cidadão Jules Verne nada teve a ver com este trabalho; foi o próprio senhor T. Bergerat que modificou o argumento da obra *Família Sem Nome* para construir o texto e não foi capaz de o fazer muito bem). Representada por actores de pouca qualidade, com raras excepções, o director inteligente, com o fim de satisfazer o público, encontrou uma forma de introduzir o trabalho em *cake-walk* (em 1837!) dançando sem música, não sem provocar grande descontentamento entre espectadores e anunciou um grupo de ginastas... que, sem dúvida, deixou de forma muito prudente os bastidores, pois não se podia tomar a sério as duas ou três cambalhotas executadas por estes subordinados ordinários! Desde esse momento e até ao fim da noite, os murmúrios do público estavam cada vez mais acentuados e o fecho da cortina foi saudado com assobios e vaias.

« O Sr. Jules Verne será o primeiro a lamentar que o seu glorioso nome tenha sido utilizado neste assunto. Nós não temos a coragem de protestar contra a atitude perfeitamente justificada do público para com o director e intérpretes e esperamos que a lição seja benéfica para o Sr. Bourgeois.»²⁰

Para além de algumas adapta-

ções no Canadá²¹, *Família Sem Nome* teve uma curiosa variante dramática numa obra intitulada *Trahison* ou *Simon Morgaz*, drama histórico em 1 acto, que ainda se desconhece se foi representado na ocasião. A publicação tem, todavia, a data de 1913. O seu autor, A. Jacques-Parès (nascido em 1867 e falecido depois de 1939) foi arquivista da cidade de Toulon onde Michel Verne passou a viver no início do século XX. Parès retoma os antecedentes da história que Jules Verne conta no capítulo II da primeira parte e mostra como Simon Morgaz cede às tentações monetárias do agente Rip, trai os conspiradores franco-canadenses, que são presos imediatamente depois, no momento em que se reúnem na salão de jogos do traidor. Introduzem-se duas grandes mudanças na peça teatral: Simon Morgaz (que é americano) não se arruinou pelo jogo, mas sim porque foi vítima da quebra do seu banco. Em seguida, os gêmeos Jean e Joann reduzem-se à figura do primeiro. Foi Jean que descobriu a traição quando se depara com a carteira, que cai do bolso de seu pai, com 30,000 libras. A obra termina com um patético diálogo entre pai e filho, que termina com a morte do traidor que está longe de suicídio como acontece no romance verniano (ainda que o seu filho tenha a gentileza de o propor):

« JEAN. – Uma vez que a igualdade e a justiça são apenas palavras vazias inventas pelos homens, para toda a criatura que nasce Deus dá algo de bom e o direito de triunfar, porém, é este bem, meu único tesouro, o que acaba de vender, sem me perguntar se estava de acordo.

« SIMON. – Encarcerado, condenado com outros, morria insolvente, e serias apenas um filho de um arruinado.

« JEAN. – É preferível a ser o filho

de um traidor. Sou jovem, teria trabalhado, me encarregado dos assuntos, teria indenizado aos credores e em todas as partes o seu nome teria sido homenageado. Além disso, a conspiração permanece em segredo.

« SIMON. – Não, já foi descoberta, conhece-se o nome de todas os conjurados.

« JEAN. – Quem lhe disse isso

« SIMON. – Rip.

« JEAN. – E é essa rude atracção que se apoderou da sua ganância. Toma cuidado, o governo britânico não é assim tão generoso nos seus honorários para ter comprado tão caro o que já é conhecido. E quem lhe propôs o acordo?

« SIMON. – Rip.

« JEAN. – Ah! Foi ele que desempenhou o papel de serpente tentadora. Depois de Deus, a sua vida pertence-me. Quer seja em dez anos, chegará o dia em que nos encontremos cara a cara. Então, não será o ouro o que irei pedir, mas sim tudo o que um punhal bem afiado possa fazer num coração ferido por muito tempo.

« SIMON. – Jean!

« JEAN. – Ah! Compreendo agora porque não me deixou tomar parte na insurreição. Ao vender seus colegas, também teria sido aconselhável vender o seu filho.

« SIMON. – Jean!

« JEAN. – O seu cinismo chega até a querer recolher a sua fortuna no sangue do seu filho.

« SIMON. – Esta fortuna queria-a para sua mãe e para si.

« JEAN. – Minha mãe e eu não somos desse tipo de pessoas que esquece tudo com ouro. Para limpar tal mancha de vergonha, é necessário sangue.

« SIMON. – Sangue!

« JEAN. – Sim, você me entendeu.

« SIMON. – Não.

« JEAN. – Não compreende que há só uma maneira de mitigar a

20 Piccolino: «Théâtre d'Amiens. Tournée Bourgeois» Em: *Journal d'Amiens. Moniteur de la Somme*, 18 de Junho de 1903, p. 2.

21 Ver Louis Bilodeau: «Le théâtre de Verne au Québec.» Em: *J.V. (Amiens)* número 24, 1992, pp. 22-27..

revolta que inspira o seu crime: matar-se!

« SIMON. – Matar-me! Matar-me! Sacrificar tudo, até ser desprezado, para ter o ouro e quando o tenho até saciar-me, mato-me. Está louco.

« JEAN. – É sua última palavra?

« SIMON. – Sim!

« JEAN. – Pois bem! Sou eu que o vou matar.

« SIMON. – Você! Oh, senhor dos sentimentos cavalheirescos! Assim é como compreende o amor filial?

« JEAN. – O amor filial. Acha que basta a um homem dar vida a um filho para merecê-lo? Não, faz falta também orientação e mostrar-lhe o caminho do dever, onde com trabalho e inteligência se pode aspirar a tudo. E esse amor será então de reconhecimento e respeito. E que respeito quer que tenha de um homem como você?

« SIMON. – É ao teu pai que vais julgar.

« JEAN. – Eu não tenho pai.

« SIMON. – No entanto, é o meu nome que carregas.

« JEAN. – Os filhos de Judas renegaram o de seu pai. Não sentiu remorsos?

« SIMON. – Bah! Histórias inventadas para assustar os espíritos fracos. Eu sou rico.

« JEAN. – E as rebeliões de sua consciência, afogará pelo poder do teu ouro?

« SIMON. – Disparate.

« JEAN. – Pensou nas noites de insónias onde verá os seus amigos deixar ensanguentados os sepulcros para virem a cobrar a conta pelas suas cabeças?

« SIMON. – Jean!

« JEAN. – Quando acordar à noite com o corpo suado pelo medo; olhe bem, é vermelho, é o sangue, o preço do seu ouro.

« SIMON. – Já chega!

« JEAN. – Quais são esses ruídos

que vêm com a brisa? Não ouve as queixas ... os gritos de uma mãe que chora o seu filho ... de uma mulher que chama o seu marido ou ao seu noivo, enviado por ti para a morte

« SIMON. – Perdão.

« JEAN. – Não é a mim que deve pedir perdão! Não é a mim que enriquece, mas sim a este povo que acaba de apertar os laços que os oprime. Te perdoarão? E esse filho que o chama pai? O que vai responder? Que tem ouro?

« SIMON. – Piedade.

« JEAN. – Não! Onde quer que vá, por longe e escuro que seja o canto onde se esconda, ouvirá o seu nome num concerto de insultos e maldições. Quando for reconhecido, vai ser rejeitado por todos e será expulso de qualquer lugar como uma besta maléfica.

« SIMON (*que acaba de se apoderar de uma carteira que Jean tenha deixado sobre a mesa*). – Ah! Aqui está o meu tesouro encontrado que acreditava perdido para sempre (a Jean). Ia acalmar-me e render-me perante os disparates que há uma hora me diz, mas aqui está o meu fetiche, com ele não temo nada, sou rico. Se os remorsos vierem a tomar conta de mim, irei-os afogar em embriaguez. Agora, vou me reunir com Rip.

« JEAN. – Insensato! Em sua loucura, me esqueces.

« SIMON. – Não Jean ... uma vez que é razoável, compartilharei consigo, há suficiente para nós dois, a sua parte será importante, mas deixe-me ir.

« JEAN. – Não saíras!

« SIMON. – Não tem confiança. Quer que lhe dê metade do meu ouro?

« JEAN. – Guarda teu ouro. Não saíras...

« SIMON. – Ordeno-lhe que me

deixes passar.

« JEAN. – Não!

« SIMON. – Nem as súplicas nem as ordens podem mudar em algo a situação?

« JEAN. – Não!

« SIMON (*aproxima-se de Jean*). Pois bem! Use a força! (*Lutam*).

« JEAN. – Miserável!

« SIMON. – Filho desnaturado!

« JEAN. – Covarde!

« SIMON. – Deixe-me passar!

« JEAN. – Nunca.

« SIMON. – É necessário que o estrangule para que me deixe passar. (*Tiro. Simón cai morto*).

« JEAN. – Que fiz? (*inclinando-se sobre o cadáver*). Morto ... morreu por minha mão. Ah! Fatal destino que me fez matar o ser que mais adorava há uma hora atrás, e que agora me horroriza. Como aconteceu o disparo? Fui eu que o matei? Que a justiça divina me julgue!

« Cena XVI.

« *Os mesmos, Senhora Morgaz*

« SENHORA MORGAZ (*ajoelha-se*). – Simon... Morto (*chora*).

« JEAN. – Chore, pobre mãe! Chore, pobre mártir. Este é apenas o começo da expiação para nós, vítimas inocentes cuja desgraça levará ao ódio e à repulsa!

« Cena XVII.

« *Os mesmos, Rip*

« RIP (*que regressa*). – O que é esse barulho? (*Vê o corpo de Morgaz*). Simon Morgaz! (*inclinada*). Morto! (*levanta-se e leva a mão ao seu chapéu com a intenção de o tirar*).

« JEAN (*detendo o seu movimento*). – Permaneça coberto... Mesmo morto, não se cumprimenta um traidor!

« *Cortina.*»²²

22 A.-Jacques Parès: *Trahison ou Simon Morgaz*. Drama Histórico em 1 acto. Toulon: A. Bordato 1913, pp. 22-28. Este pequeno folheto, citado por um exemplar que contém uma carta do autor, que provém da minha

Os bebés que não chegaram a nascer

Não se compreende – os leitores, como o pobre do director desta revista, conhecem bem a minha predilecção por ser mais que completo – que as obras relacionadas ao nome de Jules Verne, tenham sido condenadas a permanecer completamente nos bastidores. As poucas que ficaram podem ser encontrados na correspondência ou nos jornais da época. Assim, sabemos que Jules Verne, provavelmente em 1873, anunciou colocar-se à disposição de um colaborador “para desenvolver um espectáculo a partir da sua *Viagem ao centro da Terra* completando-a com uma ressurreição do mundo dos fósseis.»²³ Os fósseis permaneceram congelados e se transformam em salamandras dez anos mais tarde, em *Voyage à travers l'impossible*. Não havia mais oportunidade para *Maître Zacharius* sofrer em 1876-a pedido de Hetzel- uma metamorfose em ópera cómica (?) para a qual o jovem Gabriel Fauré devia ter elaborado a música, apesar da entusiasmada aprovação do romancista.²⁴

Outra proposta surgiu da parte de Paschal Grousset que escreveu a Hetzel sobre a sua obra *L'Héritage de Langevol*, que se tornou *Os Quinhentos Milhões da Begum* sob a pena de Jules Verne:

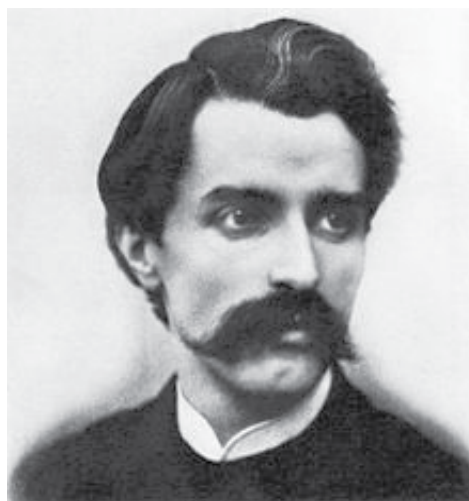
« Outro assunto: pedir-lhe que quando vir o senhor deputado Jules Verne, lhe pergunte de minha parte se gostaria que eu

fizesse uma obra a partir da *Begum*. Me encarregaria de boa vontade e sob a premissa de fazer alguns ajustes, trabalharia, e imagino que, dada a natureza especial da sua paternidade em relação ao volume, este acordo poderia resguardá-lo, caso se resolva em transpô-lo para o teatro. Que se entenda bem, isto é, no caso que você deseje, por razões pessoais, que esta ideia seja descartada. Não tenho necessidade de repetir que isto é exclusivamente entre nós e que você é quem tem a palavra final no assunto. Não tenho nenhuma queixa sobre a *Begum*. Estou lisonjeado pelo facto de o senhor Verne a tenha adoptado e as alterações feitas têm-me ensinando mais sobre a arte de sucesso que dez anos de esforço pessoal. É assim que eu o vejo »²⁵

A troca de cartas entre Jules Verne e Hetzel filho em 1887 documentou o fracasso dos dois projectos: a adaptação de *Norte contra Sul* por Maurice Drack (Auguste Poitevin, 1834-1897) e de um tal Bernard, assim como *O Caminho de França* por Busnach e Maurens.²⁶ Se conhece menos do seguinte projecto:

« *Um capitão de quinze anos*, a famosa obra do nosso ilustre compatriota vai ser levada a cena. São os senhores Lucien Gleize e Bernède Arthur que, com a permissão do autor, são os responsáveis por esta adaptação. Terá cinco actos e doze cenas, muitas atracções inéditas e uma interessante partitura.

« Sabemos muito bem com que facilidade as obras do senhor



Catalani, compositor da *Chanson Groenlandaise*.

Verne, tão ricas em imaginação passam do livro para o palco. É também uma prova do poder dramático e da solidez, da rapidez de acção das obras que sai do cérebro fértil do criador, a quem devemos numerosas obras marcadas com a mais viva originalidade.»²⁷

Arthur Bernède (1871-1937), romancista e dramaturgo, estreou em Julho de 1891, no Teatro Clássico, a comédia *Le Lycéen*, enquanto Gleize Lucien (1865-1937), cuja primeira obra foi intitulada *Coeur volant* representada em Setembro de 1892 no Odéon, tornou-se vice-presidente da Sociedade de Autores e Compositores Dramáticos de 1928 a 1931.

Por último, em 3 de Outubro de 1902, Jules deu o seu aval a um correspondente desconhecido para adaptar as suas obras ao teatro durante três anos²⁸ – a última manifestação de um grande amor que nunca diminuiu.

A *Chanson groenlandaise* de excursão.

27 «M. Jules Verne au théâtre.» Em: *Le Progrès de la Somme*, 1º de Julho de 1893, p. 2..

28 Carta vendida em leilão em 29 de Maio de 1986 em Christie, Manson & Wood Ltd., Londres, pela soma de £ 259. Desconhece-se o paradeiro actual.

colecção, não foi depositado na Biblioteca Nacional de França.

23 Carta fechada como «Paris, 19 de Junho», resumida assim nos arquivos da casa de autógrafos Charavay (número 89.904), informação que devo ao senhor Francis Marchand. Esse colaborador poderia ser o jornalista François Oswald; ver R. Pourvoyeur: «Deux lettres de Cadol à Oswald» em: *Bulletin de la Société Jules Verne* número 117 (1996), pp. 25-30.

24 Carta de 19 de Setembro de 1876. *Correspondance inédite de Jules Verne et de Pierre-Jules Hetzel* (1863-1886), tomo II (Slatkine 2001), pp. 130-131..

25 «Londres, 31 de Dezembro de 1879». Biblioteca Nacional de França, NAF 16957, fº 30..

26 *Correspondance inédite de Jules et Michel Verne avec l'éditeur Louis Jules Hetzel* (tomo I), pp. 72-75. Segundo o *Gaulois* de 7 de Dezembro de 1887, *El camino de Francia* devia-se representar inicialmente segundo o previsto, sobre o palco do teatro de Ambigu-Comique

Sabiam que a poesia mais musicalizada em vida de Verne e que teve, além disso, a honra de ter inspirado uma melodia de ópera foi a *Chanson groenlandaise*? Após a primeira versão recentemente registada de Aristide Hignard (1857) sob o título *Chanson scandinave*, a versão alterada e publicada na obra *O país de peles* (1ª parte, capítulo XIX), foi musicalizada em 1878 pelo compositor italiano Alfredo Catalani (1854-1893).²⁹ No final de sua vida, Catalani modificou a melodia que devia tornar-se no fragmento de coragem do primeiro acto da sua ópera *La Wally* (1892): *Ebben? Ne andrò lontana*.

Curiosamente nesse mesmo ano apareceu em Paris, por Heugel, uma partitura de 5 páginas, intitulada *Chanson groenlandaise / extraite du "Pays fourrures"* de Jules Verne, publicada uma segunda vez, dois anos mais tarde, pelo editor Henri Tellier. O compositor foi nesta ocasião uma mulher: a sempre subestimada Cécile Chaminade (1857-1944). Infelizmente (digo isto entre vernianos) não tinha o vigor nem de Lili nem de Nadia Boulanger, cujo pai Ernest (1815-1891), também um compositor, era um dos «Onze sem mulheres».

A Cécile Chaminade seguiu-se, por sua vez, em 1900, um compositor italiano, Arturo Cabib (1861-1903). Ainda um outro compositor foi tentado pela poesia do grande Norte: o francês Georges Alary (1850-19??), bastante conhecido pela sua música de câmara e que publicou o seu opus 41 em 1905, pouco depois da morte do romancista³⁰ ●

29 *Chanson groenlandaise per tenore in chiave di sol con accompagnamento di piano forte, parole francese e italiane, di Alfredo Catalani*. Milán: F. Lucca, s.d., 10 p. Edição recente em: A. Catalani: *Liriche per voce e pianoforte, edizione critica e catalogo a cura di Elisabetta Bacci*. Pisa: ETS 2001 (*Studi musicali toscani. Musiche*, 2).

30 Paris, por Durdilly. Anunciada na *Bibliographie française* em 4 de Março de 1905 (cf. Piero Gondolo della Riva: *Bibliographie analytique de toutes les oeuvres de Jules Verne*, tomo 2 (1985), p. 69).

Verne e o teatro

Com catorze anos, em 1842, o jovem Verne escreveu seu primeiro poema conhecido. Cinco anos depois faz a sua estréia na elaboração de obras para o teatro. Sem dúvida, a sua estadia em Paris levou-o a perseguir a febre teatral da época motivado pelo êxito de público em muitas peças escritas pelos seus compatriotas. O contacto com o mundo da capital, sugere a possibilidade de expandir a sua produção teatral que, inclusive, aumenta com a possibilidade de que muitas das suas obras se ponham em cena em alguns dos mais importantes teatros da capital francesa.

Foram precisamente as peças teatrais, assim como os poemas, que consumiram o tempo do escritor na sua juventude. Correspondem a esta época a maioria dos seus textos dramáticos. Depois de começar a escrever as suas obras, Jules apenas escreveu teatro baseado nas suas *Viagens extraordinárias* com o único propósito de colocar em palco algumas das suas histórias mais importantes

Das quase quarenta peças escritas pelo francês, doze delas foram para encenadas, divididas em sete dramas históricos (sem representação), quinze comédias e vovodiles (3 delas em palco), oito libretos de óperas cómicas e operetas (quatro deles em palco) e sete obras baseadas nas *Viagens Extraordinárias* (5 delas encenadas). A primeira publicação da maior parte das obras de teatro foi em *Manuscrits nantais* recompilado pela cidade de Nantes, em 1991, nos volumes 1 e 2. Em seguida, muitas delas junto a outras ainda não publicadas apareceram em *Théâtre inédit* em 2005 pelo *Le cherche midi éditeur*.

A sua etapa de esplendor teatral começa aos vinte quando chega a Paris para iniciar o seu estudo em Direito. Através de um dos seus tios conhece Alexandre Dumas pai, que o "adoptou". Alguns anos mais tarde, Dumas filho escreve a Jules dizendo que Verne era, mais que ele, o verdadeiro filho do seu pai. Com o patrocínio de Dumas pai, Verne representa a sua primeira obra, *Les pailles rompues*, em 1850. Inspirado por Marivaux, esta obra de teatro provou ser uma engenhosa e afectada conversa entre uma mulher frívola e o seu ciumento marido. Na dedicatória, Jules exprime a sua gratidão a Dumas que o ajudou tanto a escrevê-la como a representar no seu próprio teatro.

Depois altera o seu estilo várias vezes. Escreve vários tipos de obras, incluindo *Les châteaux en Californie, ou, Pierre qui roule n'amasse pas moule* (Castelos na Califórnia), uma comédia de um fino humor picante onde Verne alinhava jogos de palavras. Em 1861 escreve *Un neveu d'Amérique, ou, les deux Frontignac*. Baseada na original e hilariante ideia de um personagem ter um rendimento vitalício e seguro de morte ao mesmo tempo, constitui, sem dúvida, a melhor obra de Verne. O brilhante diálogo destaca-se pela sua graça e se desenvolve a uma velocidade vertiginosa, porém mantendo a profundidade dos personagens. Verne tinha moldado as suas criações teatrais e já mostrava as suas credenciais como um bom dramaturgo depois de ter ensaiado com diferentes tipos de composição (teatro, óperas, operetas e óperas cómicas). *Un neveu d'Amérique*, uma excelente obra satírica sugere que tipo de dramaturgo Jules poderia se ter tornado com um pouco mais de maturidade e experiência.

Mas o encontro de Verne com Hetzel estava próximo e a carreira literária do escritor estava destinada a explorar os mundos conhecidos e desconhecidos.

A biografia definitiva de Bill Butcher

Ariel Pérez

Sobre o autor



arielpr@gmail.com
http://jgverne.cmact.com

Licenciado em Ciência dos Computadores. É informático na Empresa Nacional de Software em Cuba. Profissionalmente tem trabalhado como administrador de rede, programador e desenhador designer de páginas da Web em diferentes empresas há mais de dez anos. Desde 2001 possui sitio na web dedicado a Jules Verne, que hoje é uma referência internacional. Publicou artigos que exploram aspectos da vida e obra de Verne, em Espanha, México, Argentina e Cuba. É membro do Fórum Internacional Jules Verne.

Em Agosto de 2007 fundou a revista digital *Mundo Verne*, da qual actualmente é director e designer. Tem em preparação um livro de ensaios sobre o escritor francês. Já traduziu para castelhano muitos textos inéditos de Verne em espanhol e publicou-os no seu sitio, assim como em determinadas publicações.

William Butcher é um dos mais activos especialistas dos últimos anos na cena, no cenário internacional. Permitiu-nos falar com ele sobre as suas investigações, sua vida e aspectos de actualidade sobre o universo verniano.

“Não sou casado, mas já estive unido com alguém de forma estável durante mais de dez anos. Não tenho filhos. Nasci na Grã-Bretanha, mas agora sou um cidadão de Hong Kong. Trabalho em inglês e francês, e tenho algum conhecimento de línguas, latim, italiano e russo. Dos meus conhecimentos de francês, latim e italiano, posso ler algo de espanhol e também português, para entender o essencial.

Divido o meu tempo entre a escrita e a restauração de propriedades. Cada um tem as suas limitações, mas, em cada caso, sou o meu próprio chefe e posso organizar-me como quiser, pois as duas actividades são complementares. Há alguns meses, comprei uma casa grande a poucos metros do mar, num parque nacional na fronteira com a China.

Normalmente respondo ao correio electrónico durante a manhã, e decido se nesse dia farei trabalho intelectual ou manual. Às vezes levo o cão a dar um passeio ao longo da costa e noutras uso a minha bicicleta. Depois do almoço, leio ou vejo vídeos.”

Assim me definiu William Butcher em apenas três parágrafos a sua origem, vida actual e uma breve descrição de um dia da sua vida. Há alguns meses atrás escrevi-lhe sobre a possibilidade de ter um encontro virtual para que os leitores de Mundo Verne pudessem conhecer mais a fundo este homem que dedicou grande parte de sua vida a estudar a vida e obra do autor das Viagens Extraordinárias.

Ainda que não tenha tido a oportunidade de o conhecer em carne e osso, reconheço-o como uma das pessoas mais capazes e amáveis que existem nos círculos vernianos. As suas traduções para o inglês a partir dos originais em francês têm vindo a aumentar a reputação de Verne em países anglo-saxónicos e têm permitido que nesses lugares se conheça, pela primeira vez, o escritor e as suas verdadeiras obras, aquelas que concebeu e que estão longe de qualquer interpretação tosca ou grosseira, que incluem a censura de passagens completas, mudança de nomes

de personagens e outras tantas anomalias presentes nas edições clássicas em Inglês.

Há dois anos decidiu fazer uma biografia, também em inglês, e é considerada uma das mais completas que se escreveram sobre o escritor. A sua paixão pelo estudo dos manuscritos originais e o conhecimento a fundo da obra real do mestre levou-o a encontrar material esquecido, que está perto da publicação, e que mostra a faceta de crítico de arte de Verne. Bill é incansável, tem neste momento vários projectos em execução, e alguns - estou certo - serão matérias de grande importância para compreender o autor e sua obra.

Antes de entrar na matéria verniana, pedi a Bill para me esclarecer uma dúvida e saciar a minha curiosidade. Sei da sua paixão pela Internet, e do mundo dos computadores e perguntei-lhe como administra esta paixão e em que medida uma entra no universo da outra. Bill respondeu-me rapidamente:

Para mim, tanto o processo de pesquisa como o da escrita estão intimamente relacionados com os computadores. As possibilidades de procurar no meu próprio disco rígido e na Internet, em muitas ocasiões, influencia a própria natureza das minhas investigações. Quando escrevo um livro até me esqueço, por vezes, o que fiz antes e ando à procura do texto já escrevi uma vez! Refino a minha escrita uma e outra vez com vários rascunhos em papel, outros impressos, deixando louco o meu dactilógrafo.

*Ainda que cansativo, o meu método de escrever, geralmente, consiste em ditar para o computador directamente em francês ou inglês usando *Dragon Naturally Speaking*. Tem uma exactidão de 98% e pode fazê-lo quatro ou cinco vezes mais rápido do que teclando, especialmente quando se traduz um texto.*

Uso fotos digitais, o scanner e as redes de transferência ponto a ponto e ouço música todo o tempo com uma boa qualidade de som, da maneira que faço um uso intensivo do meu computador.

Após conhecer o teu método de trabalho e ter entrado um pouco mais no seu mundo interior, Bill, quero saber, e os nossos leitores também, quando é que descobres Verne pela primeira vez.

Devo ter começado a lê-lo aos onze ou doze anos. Aos 16 estive um mês em Paris em visita. Lá vivi com uma família muito culta e com vestuário como numa cópia de *20 000 léguas submarinas*. De forma auto-didata, aprendi francês enquanto lia o livro, que já tinha lido anteriormente em inglês. Comecei um doutoramento em 1976, sem saber o tema a estudar. Dois anos mais tarde, coincidindo com o 150º aniversário do nascimento de Verne, alguns críticos famosos na França, escreveram sobre o escritor e o meu supervisor sugeriu que me concentrasse no autor, quem sabe devido à minha formação invulgar: não tinha o primeiro nível em francês e tinha estudado matemática pura até ao último nível. Segui a sua sugestão.

E qual é a razão desta paixão pelo escritor francês?

É difícil dizer. Uma das razões é a paixão de outros especialistas, que o fazem por amor, ao contrário de muitos especialistas literários, apesar de muitos deles serem aficionados, no melhor sentido da palavra, pois não recebem dinheiro pelo que fazem. Uma vez impregnado no estudo verniano, é difícil sair! Já escrevi sobre outros temas, embora há muito tempo que não o faça e talvez seja muito tarde para mudar.

Quais são os seus livros favoritos do autor?

Viagem ao centro da Terra, Aventuras do Capitão Hatteras, Edom e todas as primeiras obras.

No passado e durante vários anos trabalhou como professor. Qualificas Verne como um escritor pedagógico?

Ensinei por mais de uma década, de modo que odeio o ensino! É muitas vezes, uma desculpa de segunda

categoria. Verne é um escritor pedagógico, pois tem uma mente inquisitiva, analítica e é bom explicando coisas. Mas não é um escritor pedagógico no sentido de se conformar ao conhecimento convencional das instituições de ensino. Como todos os grandes escritores, rompe com os convencionalismos.

Vive em Hong Kong, um país que Verne menciona em A volta ao mundo



em oitenta dias. Qual é a recepção de Jules no teu país?

Como um cidadão de Hong Kong, tenho que dizer que existe aqui um elevado nível de ignorância sobre Verne. As traduções são muito pobres. Por exemplo, *As Atribuições de um chinês na China* ainda não foi traduzida. Sempre que se iria publicar, era excluído por razões políticas. Embora a situação tenha melhorado um pouco, todas as actividades edi-

toriais no continente estão sujeitas a um elevado grau de censura. Resumindo, até agora, para além do meu próprio esforço, não há estudos sobre Verne em Hong Kong nem na China.

Além de Verne, quais são os seus escritores preferidos?

Michael Crichton, Arthur C. Clarke e Ray Bradbury têm sido muito gentis ao escrever a introdução de alguns dos meus livros. Leio muito e meus favoritos são J. R. R. Tolkien, Stendhal, Michael Crichton, Malcolm Bradbury, David Lodge, William Boyd, Robert Harris e John Grisham.

Já disse anteriormente que gosta do género de Ficção-Científica. Muitos autores consideram Verne um profeta e além disso qualificam-no de pai da Ficção-Científica. O que pensa sobre isto?

Verne não é um profeta e para definir se é ou não o pai da Ficção-Científica, posso dizer que é uma questão complicada, pois o pai pode não ter relação com o filho. Verne e o seu trabalho não formam parte da Ficção-Científica. As razões são múltiplas: a palavra em si, que é americana, foi inventada muito tempo após a sua morte. Portanto, é anacrónica apontá-lo a uma literatura antes dessa data. O próprio Verne sentia-se incomodado quando seu editor o apresentava como um escritor científico. Em cada uma das entrevistas que deu, sempre salientou o facto de que não estava interessado na ciência, a qual não gostava muito e que sabia muito pouco sobre ela.

Desde que está no mundo de Verne e no seu estudo, diga-nos qual foi o seu momento mais agradável e qual o pior de todos.

As duas conferências em Cerisy, em 1978 e 2004 foram momentos importantes. Significou a combinação de um estudo e o encontro com

alguns amigos. Escrever a minha biografia sobre Verne em quatro meses nos finais de 2005 foi também muito agradável pelo seu sentido de descoberta e pela forma como organizei o próprio material, seguindo uma estrutura cronológica e temática. Tinha lido biografias sobre Jules durante quase trinta anos, mas foi só quando tinha de preparar os dados iniciais que realmente comecei a compreender os detalhes. Os piores momentos foram os conflitos com os editores e colaboradores. Também, o facto dos meus empregos nas universidades que sempre qualificaram as muitas investigações como regulares ou pobres.

Na sua opinião, qual é a região geográfica onde se desenvolveu mais intensamente os estudos vernianos?

Historicamente, os estudos de Verne na França têm sido, de longe, os melhores e um guia para o mundo inteiro. No entanto, nos últimos anos, alguns dos mais notáveis especialistas já morreram e outros são menos produtivos. O problema central para os actuais estudos na França é a ignorância do que ocorre noutros países. Isto se soma ao facto da impossibilidade, para esses especialistas, de aceder à Internet e ao correio electrónico.

Os estudos de Verne na língua inglesa têm-se desenvolvido de forma notável, o que tem a ver com o crescente domínio internacional do idioma inglês, mas estes últimos ignoraram o que têm acontecido na França. A minha crítica sobre a maior parte dos trabalhos especializados sobre o autor, é o insuficiente conhecimento do que já foi publicado. Assim, muitos dos debates e ideias acabam por entrar num círculo vicioso.

E em relação à recepção de Verne na Ibero-américa, que pode dizer?

O espanhol e o português são, naturalmente, idiomas importantes no mundo. Tal como os estudos de Verne em inglês, estão inevitavelmente a um certo grau de distância pois o processo de tradução nunca

será completamente exacto. Para os textos de Verne sobre os países de língua espanhola e portuguesa, naturalmente, as suas contribuições são vitais.

O estudo de Verne continua e é ainda há muito a dizer quanto ao autor e à sua obra. Como vê o futuro da investigação verniana nas próximas décadas?

As previsões ao longo prazo são quase todas erradas, provavelmente muito mais para um escritor tão complexo e tão imprevisível como é Verne. Tudo o que posso dizer é o que se deve fazer para a próxima década ou os anos seguintes. O mais urgente é concentrar-se nos assuntos textuais, visto que o estudo de Verne quase até agora não se tem ocupado de examinar a base, o original, no sentido em que aceitou sem senso crítico os textos publicados por Hetzel. O estudo dos manuscritos determinará por conseguinte, no futuro imediato, novas leituras de Verne. Pela mesma razão, ou seja, os problemas nos textos publicados, necessitamos urgentemente de edições críticas em francês das obras mais conhecidas.

Bill, gostaria de saber sobre o que está a fazer neste momento em matéria de investigação verniano e quais são os seus planos no que diz respeito ao assunto para o futuro próximo.

Prefiro não falar sobre os meus projectos actuais, por duas razões: muitos deles podem não chegar a terminar; e prefiro evitar conflitos com outras pessoas que possam estar a trabalhar em projectos similares. Tudo o que posso dizer neste momento é que os meus projectos em curso estão escritos, na sua maioria, em francês. Posso dizer que existe um projecto de há alguns anos – ao que me referia anteriormente – sobre Verne como crítico de arte, uma edição comentada, que está a passar, neste momento, por algumas dificuldades e prefiro não falar sobre o assunto até que seja publicada. Um dos meus planos actuais e que posso confirmar a sua realização é a publi-

Seus livros vernianos

- *Verne's Journey to the centre of the self: Space and time in the "Voyages extraordinaires".* Ensaio. 1990.
- *Humbug. The American way of life.* Tradução e edição. 1991
- *Backwards to Britain.* Edição. 1992
- *Journey to the centre of the Earth.* Tradução e edição. 1992.
- *Around the world in 80 days.* Tradução e edição. 1995
- *20,000 leagues under the Seas.* Tradução e edição. 1998.
- *The adventures of Captain Hatteras.* Trad. e edic. 2005
- *Jules Verne: The Definitive biography.* 2006
- *Lighthouse at the end of the world.* Trad. e edic. 2007.

cação, em breve, da segunda edição da minha biografia na Internet onde aproveitei a oportunidade para corrigir alguns erros no texto e para aumentar, grandemente, o número de ilustrações. Traduzi-la para outras línguas seria uma excelente ideia e estou aberto a isso, mas encontrar uma editora numa língua estrangeira que se interesse pelo livro é sempre algo difícil.

O mundo verniano tem feito grandes progressos nos últimos vinte anos, o que pensa, a partir do seu ponto de vista, que é a maior contribuição destas últimas duas décadas no estudo das obras do escritor francês?

A publicação de *Paris no século XX* e das correspondências de Verne com a sua família e seu editor são talvez os maiores êxitos.

Obrigado Bill por ter compartilhado com Mundo Verne e concordado em dar-nos estas palavras. Alguma mensagem especial para os leitores da revista?

Quero aproveitar esta oportunidade para felicitar pela publicação desta excelente revista, que supera outras já mais conhecidas, e também aproveito para agradecer-lhe pela oportunidade desta entrevista ●

O cerco a Roma

Prólogo histórico

Jules Verne

Começa a publicação de outro dos textos inéditos do autor, em português. Trata-se de um conto em cinco capítulos que escreveu em sua juventude e que narra o que ocorre a dois oficiais militares em meio do ataque e cerco a uma cidade.

O assassinato do senhor Rossi¹ devia constituir o prelúdio dos movimentos revolucionários na Itália. As liberdades que Pio IX² iriam virar-se contra ele e derrubar, por certo tempo, o antigo trono de São Pedro.

Se os poderes liberais vêm abaixo por todos os lados é pelo próprio excesso de suas instituições. Estão bem distantes de hoje os tempos de outrora, em que os governos absolutistas atentavam contra as liberdades públicas e as jogavam abaixo. Estas liberdades, como as bombas, explodiam enquanto caíam, mas neste século XIX, as próprias populações exigem restrições a estas reformas que, de tão liberais que são, as precipitam num abismo sem fundo. A liberdade, como a entendem diversos republicanos, a liberdade anárquica, havia chegado. A liberdade de direito e a liberdade de fato necessariamente se excluem: ali onde o direito se proclama bem alto, de fato não existe mais. Entretanto, o direito não tem mais que fazer-se inscrever na frente dos monumentos públicos, quando a liberdade perde forçosamente seu livre exercício.

No dia 16 de novembro de 1848, o Quirinal, palácio oficial do soberano pontífice, estava cercado por guardas civis e soldados. Seus protestos por reformas foram recebidos a tiros pelos suíços que, sempre fiéis ao poder e a sua paga, defendiam bravamente a realeza temporária do Papa.

Após certo tempo, se respirava em Roma um ar sinistramente tempestuoso.

¹ Pellegrino Rossi, nascido em Carrare, em 1787, jurista, deputado católico e liberal. Chefe do governo pontifical. Foi assassinado em 15 de novembro de 1848.

² Papa Pio IX, nascido em 1792, sucedeu Gregório XVI em 1846. Tinha simpatia pelas correntes liberais e nacionalistas na Itália. Depois de 1849 recusou qualquer tipo de reforma do estado pontifical. Morreu em 1878.

A França havia enviado à Itália um pouco de sua atmosfera e os peitos da Península aspiravam a plenos pulmões esses sopros embriagantes. Os italianos só respiravam por ordem do imperador da Áustria e os canhões e generais que possuíam não eram dignos de confiança. Desta forma, excitados por toda essa movimentação que havia para além dos Alpes, os romanos quiseram entrar na festa e dar, sem cerimônias, o espetáculo de uma pequena revolução.

Enquanto assaltantes e assaltados batalhavam ao redor do Quirinal, um jovem de figura pequena e malévola, Andrea Corsetti, mesclava-se ativamente entre os grupos que lotavam o lugar. Era um desses italianos falsos, hipócritas, partidários do Mal, inacessíveis ao Bem, cheios dessa natureza ultramontana tão baixa, servil, invejosa, frouxa e pérfida que aflora quando o estudo ou a razão não os dirigem ou orientam. Ex-secretário particular de Pio IX, era bem conhecido pela sociedade, pelas cabeças nas quais havia jogado, desde o alto, sua arrogância e insolência. Sua importância anterior tornava muito suspeita sua atual ocupação. Por que Andreani abandonaria a causa do Papa para lançar-se à rebelião e insurreição?

-Meus amigos, meus irmãos - gritava, em meio à excitada multidão - A dominação temporária dos Papas vai desaparecer e a Itália libertada não usará luto por seus tiranos! Sigamos a França em seus anseios e suas liberdades e seus filhos virão em massa para nos socorrer!

-Mas você não é um de nós - lhe respondeu alguém.

-Sou soldado, e estou com vocês e por vocês! Tenho visto os abusos inomináveis dessa decadente realeza, as pretensas reformas com as quais dis-

traem sua atenção e suas conhecidas concessões, falsas moedas com que se pagam as generosas aspirações de vocês! Sou soldado! Irão me ver combatendo na primeira fileira para derrubar o absolutismo e assegurar para sempre sua independência!

-Você não deve ignorar o que ocorre no palácio - replicou um honesto moderado - e sabe que Pio IX satisfaz nossos desejos ao dar-nos um ministério liberal.

-Os ministros são instrumentos passivos do poder e não mudam em nada sua política. - respondeu Andreani, animando-se cada vez mais - O Papa apenas vestirá novas luvas e assim será, sua mão não será mais doce nem mais caridosa. Não dêem atenção, portanto, a essas tentativas do poder em referendar seus atos arbitrários! Que importa que a bandeira seja substituída, se o dono vende a falsos poderes suas liberdades deformadas!

Com efeito, o soberano pontífice, para conjurar a tempestade, tentava com esses ministros pára-raios que se sustentasse a pólvora sem perigo, porém todos esses nomes debilitados e enferrujados não eram suficientes para proteger o trono papal. As ruas de Roma se encheram de cóleras explosivas, que eram resolvidas a tiros nas cercanias do Quirinal. As tropas compactuavam com os rebeldes e combatiam com eles. Durante oito dias, Pio IX tentou derrotar o movimento, por meio de hábeis artimanhas e reformas oportunistas. Ele realmente acreditava que tudo aquilo era uma simples insurreição. Certamente, as revoltas têm válvulas que se podem abrir a tempo para deixar escapar a agitação popular, mas não as revoluções! Esta era uma revolução, e havia explodido.

Em 24 de novembro de 1848, se-

guido por seus cardeais, os príncipes da Igreja, e de uma parte do clero, o Papa abandonou Roma rapidamente. Durante alguns dias, ignorou-se o local de refúgio de Sua Santidade. Nomeou-se uma junta superior, com o propósito de restabelecer provisoriamente o poder executivo e formar um ministério, que se completou de forma rápida.

Entretanto, o Papa, que não havia tido problemas com sua fuga, se refugiara em Gaete³ desde 17 de dezembro, quando protestou contra a junta superior. Havia fugido de seus domínios não por ceder a Revolução e deixá-la em campo livre. Sua Santidade sentia pelo martírio mais vocação que nisso. Importava, contudo, que o Papa conservasse sua total independência. Com efeito, o universo católico acreditava que não teria mais, nestas circunstâncias, o livre exercício de seu poder espiritual.

O protesto começou firmemente. A partir daí se desenrolou sem resultado e a junta foi mais além. O Papa, efetivamente, não teria mais que temer pois numerosos defensores iam rapidamente alinhar-se sob sua bandeira. Pensou-se acerca de alguns projetos de intervenção. Aqui se explica porque, em 2 de dezembro, o governo romano alçou-se por sua conta contra a expedição comandada pelo general Cavaignac, então chefe do poder executivo da França. Porém a mediação francesa não era coisa resolvida.

Um triste privilégio dos movimentos sociais é o de fazer subir à superfície toda a escória obscura e fétida. Para cada homem de verdadeiro valor que surgia do conflito dos acontecimentos, encontravam-se cem medíocres ou ineptos. É por isso que se crê que deva ser chamado para decidir os destinos dos povos, todo aquele que tenha certa ambição crescente, utopia febril e irrealizável, miséria

³ Gaete se encontrava em território napolitano. Pio IX cedeu às pressões do novo governo estabelecido em Roma pela Revolução.

vergonhosa e sublevada, ódio no coração e alguma vingança premeditada em sua sombra. É preciso que estas pessoas sejam surdas e não escutem a voz do interesse privado e que domine nelas a voz do interesse geral. Com respeito a isso, Andreani era completamente surdo e como a ausência de princípios deixava quase vazia sua moral, subiu rapidamente à superfície da desordem. Estava distante de suas saudações e genuflexões contritas de outrora! Porém, havia voltado a pôr sua casaca, e esta não mudava, pois sua vestimenta estava suja de ambos os lados.

Depois da partida do Papa, se lançou de corpo e alma à Revolução e elevou vastas exclamações a favor da liberdade, ele, cujo coração e consciência estavam acorrentados à traição e baixez. Quando Garibaldi⁴ começou a aparecer na cena política, correu para alinhar-se abaixo da bandeira deste aventureiro. Viu-se aceitar um grau entre as classes dessa audaz legião e inflamar, com seu ódio, os inimigos de Pio IX.

Ninguém se surpreendera por mais essa deserção, outra das muitas entre os membros do clero. No seio de um país onde os títulos chovem, os príncipes pululam e os nobres abundam, as classes baixas da sociedade sacerdotal se reduzem a mais completa servidão. O relaxamento dos costumes é menor nas baixas classes do que nas altas. Não é somente a indigência que evita a má conduta do clero inferior, senão a indigência submetida ao despotismo hierárquico. Apesar dos príncipes da Igreja e os cardeais envolverem de mistério as vergonhosas práticas de suas vidas privadas, condenam a virtude dos sacerdotes de uma ordem inferior, que não têm a sua disposição nem vilas, nem palácios, nem lacaios, nem rufiões para servir, explorar e

⁴ Giuseppe Garibaldi (1807-1882), revolucionário e patriota, veio da América do Sul em 1848 e pôs-se a serviço da jovem república romana. Sua bravura e audácia militares são lendárias.

esconder seus desmandos. Os grandes senhores parecem ser o que não são e são o que não parecem ser, enquanto os simples ministros do culto, que não desejam ser indigentes por virtude, são forçosamente virtuosos por indigência.

O proletário Andreani sentia as paixões atormentarem seu coração, pois mesmo depois de elevar-se a força de ambições e obter um posto de confiança próximo do governo pontifical, por que foi rejeitado certo dia?

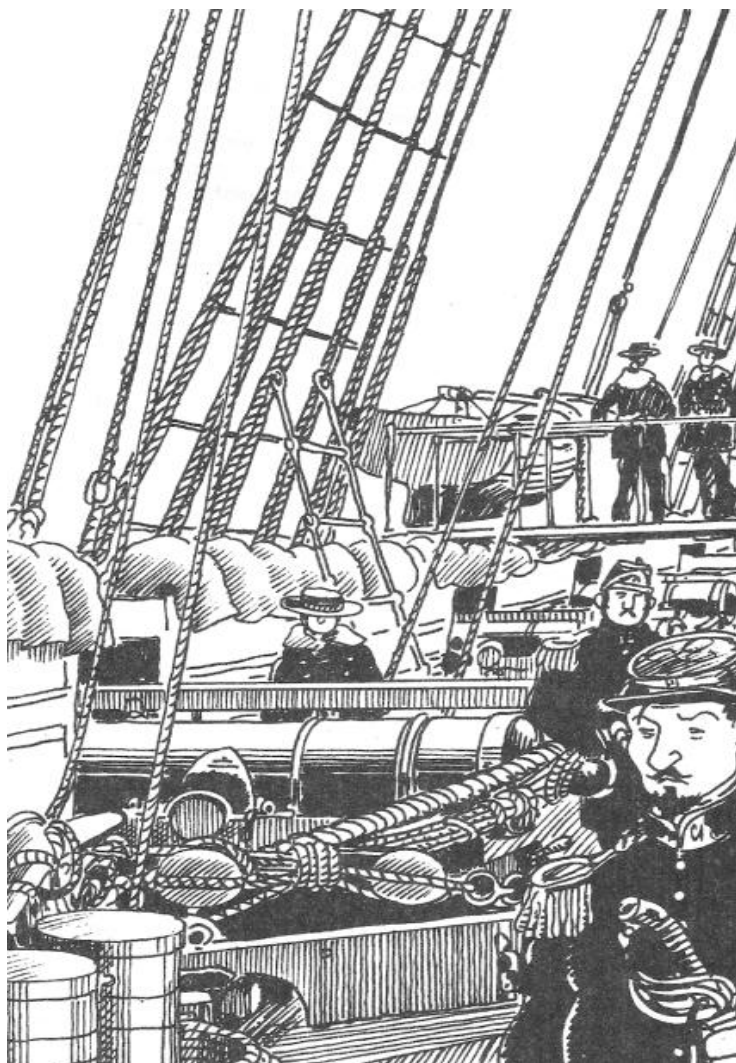
Seus amigos e inimigos nunca puderam saber. Uma manhã recebeu bruscamente sua demissão e foi exilado do Vaticano, sem que nunca conhecesse o motivo de sua partida. Sua posição era no serviço particular do Santo Padre e Pio IX, homem justo, de uma eminente piedade, de uma severidade dogmática e de uma honra indelével que sempre havia empregado para benefício da França, havia julgado, sem dúvidas, de forma pouco honorável, ao secretário Andreani. Que odiosa ação havia desnudado a alma deste malvado homem? Desconhece-se. Nesta época, vagos rumores de abusos de confiança e raptos circularam pela cidade. A pergunta nunca foi esclarecida. O crime, se houve, não deveria ter sido cometido em Roma e logo que Andreani foi expulso, regressou, pouco depois, da França, aonde o Papa o havia enviado a uma missão particular.

Ao visitar a França, admirou a inimitável pureza do clero francês. Que dignidade! Que nobreza, em comparação à falta de pudor, ao descaramento e às injustiças quase gerais dos príncipes da Igreja! Enquanto estes últimos exploram sua influência religiosa para benefício de suas paixões, aqueles extinguem suas paixões no ascetismo para fortalecer esta influência. Enquanto os ministros franceses praticam a virtude que predizem, os nobres cardeais raptam e seduzem as crianças que vêm implorar aos seus pés o perdão para

seus pecados. E apesar destes opulentos prelados obrigarem a qualquer honesto cavaleiro cobrir com sua honra a desonra de sua vítima, os sacerdotes franceses põem sua vida a serviço de todos os infortúnios, suas bênçãos são apostas a todos os esforços humanos, seus consolos em presença de todas as dores e sem descanso, sem alegria, sem prazer, durante seu difícil ministério, passam as noites orando pelos desgraçados a quem consagraram seus dias.

Andreani sorria com piedade, a propósito dessas devoções frequentemente obscuras e incompreendidas. No momento de marchar disse bem alto: "Os caminhos do Senhor são impenetráveis! Que seu santo nome seja bendito!" E disse bem baixo: "Papas e cardeais, por aqui passarão." Dedicou-se também de corpo e alma às tenebrosas maquinações do partido republicano e cooperou ativamente no movimento revolucionário que, em 16 de novembro de 1848, apontou seus canhões contra os portais do Quirinal.

O que poderia fazer Pio IX se entre seus inimigos se encontrava este tipo de gente, que está fora de qualquer lei e honra? É triste ver manchado, pela presença de tais homens, o nível dos republicanos honestos e sinceros. Por que então esses exércitos humanitários se transformam em campos de asilo, onde os criminosos esperam se colocar ao abrigo das legislações? Essas alianças acabam com o tato e a delicadeza dos partidos. Apesar do Papa, privado de qualquer meio de repressão, excomungar todo aquele que fosse culpado de um atentado contra a soberania temporal da Santa Sede, os gritos de "Vivam os excomungados" se escutavam em todas as ruas de Roma. Antigamente, tremia-se quando retumbavam os raios do soberano pontífice; acreditava-se terem sido lançados pela mão de Deus! A zombaria dos nossos dias os expuseram ao ridículo. A física incrédula tem feito imensos



progressos e as consciências se revestem com pára-raios.

Mesmo com estas condenações a junta continuou sua obra, o sufrágio universal enviou os votos de todos os Estados do Papa. Seja por incúria, descuido ou premeditação dos escrutinadores, muitos estrangeiros, sem pátria e sem domicílio, vieram a estampar na urna sua adesão cosmopolita, mas estes fazedores de governos não têm tempo de ser escrupulosos e, justo ou injusto, proclamou-se, em Roma a República de 9 de fevereiro de 1849. O poder dos Papas havia terminado. Porém algumas garantias ficavam reservadas ao seu poder espiritual. Os insensatos não compreendiam que, para ser forte, a religião devia ser independente e que sua independência residia no reinado temporal de seu chefe supremo, pois assim impedia-se que fosse

submetido às leis e vontades de uma nação estrangeira. O novo governo devia ter com a Itália as relações que exigia uma nacionalidade comum. Enquanto o Papa se reunia em Gaete com seus mais fiéis servidores, a constituinte dava as boas-vindas, com entusiasmadas aclamações, a Mazzini⁵, o rei dos republicanos da Itália central.

E para festejar este lindo dia da independência italiana, o grande canto das vitórias, que, até esse momento, só havia sido entoado pelos ministros do Céu, cantado com um furor selvagem, o cântico do Deus dos exércitos, o *Te Deum*, escutou-se no Vaticano ●

⁵ Giuseppe Mazzini, nascido em 1805, em Génes, participou anteriormente de várias insurreições e já havia conhecido muitas vezes o exílio. Gozava de imenso prestígio entre os revolucionários italianos..

Carta a Pierre em Julho de 1848

Jules Verne

Não é a primeira vez que Verne faz saber a seu pai que se encontra bastante triste por não receber correspondências suas. Deste fato, ele fala nesta carta de suas provas e de sua incursão na vida social parisiense.

Paris, [sexta-feira] 21 de julho de 1848

Meu querido papai,

Hoje, 21, certamente contava receber uma carta sua em resposta às duas que escrevi, mas a hora da chegada do correio passou, e nada. As cartas resultam, sem dúvidas, em algo esperado com impaciência e recebidas com imenso prazer, e o atraso se faz mais penoso diante da incerteza. Digame que talvez tenhas recebido uma carta de Paul e, desejando comunicar seu conteúdo à família antes de enviar a minha, quem sabe haja postergado o momento de a escrever. Deus queira que seja assim, e não me queixarei.

Não repetirei nesta carta os pedidos que fiz na outra. Não duvido que a tenha recebido

Na terça-feira, perto da duas horas, saberei a data de minha prova. Espero que seja por volta dos dias 2 ou 3 de agosto. Os examinadores andam rigorosos. Têm reprovado um grande número de candidatos. Isso assusta. São perguntas que não vêm nem de Adão nem de Eva, que surgiram todas de um golpe, sem que se pudesse determinar de que lugar saíram. Vêm do Inferno! Parece que se divertem buscando sempre o mais difícil e inesperado em questão de perguntas para lançá-las sobre nós. De minha parte, tenho dito. A esse respeito existem pessoas, como eu, que não podem emitir resposta alguma.

Reparo que todas as vezes que se aproxima um exame, alguém se arrepende de não ter feito seu Direito na faculdade. No ano passado foi a mesma coisa. E uma vez passado o perigo, este não se recorda das penas passadas, que se tornam uma fonte de desfrute: *forsan memorâsse juvabit*¹. Haverá importantes reflexões a serem feitas com respeito a esse assunto para o ano seguinte e seria bom que se registrasse o fato. Tenho assistido a alguns exames e percebido o que me espera. Enfim, seja o que seja, estudo especialmente em meus livros, todas as perguntas que me apresentam. Quanto à forma com que se resolvem, na maioria das vezes, se fazem em completa contradição aos sistemas dos senhores professores da faculdade. Enfim, contra vento e maré, espero que tudo acabe bem.

Não acredito também que na terça-feira tenha dificuldades para minha admissão. Ao assinar

1 *Forsan (y haec olim) meminisse juvabit* : «Quem sabe um dia essas recordações, elas também, tenham para nós os seus encantos». Fim de um verso de Virgílio (*Eneida*, I, 203). É por essas palavras que Enéas consegue reconfortar seus companheiros em suas provações (P.T.)

minhas cartas, penso que devo estar tranqüilo nesta parte. Quando souber a data do exame te digo, meu querido papai.

Por outro lado, tivemos em Paris, na rua Poitiers, uma tertúlia² que aumenta a cada dia e cuja sombra cobrirá rapidamente aos montanheses de todas as montanhas da assembléia. Foi desta forma que o clube dos jacobinos chegou a governar a França. Só nos ocupamos dos senhores Thiers e Cia. e admiramos, sobretudo, a tranqüilidade moderada com que avançam. De nada adianta precipitar-se, eles lá chegarão pela força dos acontecimentos. É melhor deixar que os homens atuais se desgastem e desapareçam completamente e sem muito barulho, e veremos os verdadeiros homens de Estado assumirem o poder. Este é o grande projeto que ocupa Paris nesse momento e ainda falta ver quais serão as reações coléricas do nacional e seu suplemento. Quanto à reforma, não são mais do que injúrias dignas de outra sorte.

Jantei na casa da senhora Arnous, com a família Garnier, que não conhecia e que me pareceu muito agradável. Tenho jantado também várias vezes na casa de Henri, com Charles³ que está a ponto de partir, agora mais do que nunca, para as ilhas da Martinica. O pobre Charles não mudou nada, sempre as mesmas palavras, os mesmos gestos. Oh! Mas é incrível! Diz ele muito bem. Seu jeito de ser é contagiante e é realmente certo que todo o Ministério da Marinha canta *la chigne la pa*, sobre a melodia da marcha de Pondichéry. Se ele vai à Martinica, corre o risco de revolucioná-la completamente.

Ah, Deus! Quase me esquecia de uma coisa que não desejo pensar em meio das minhas preocupações em Paris. Como foi o matrimônio de uma certa senhorita que conheces bem, que deveria ter-se realizado na terça-feira? Confesso que não me desgostaria ser informado sobre esse assunto⁴.

Adeus, meu querido papai, beijos à mamãe, às pequenas, a todo mundo. Notícias de Nantes, sobretudo, tuas cartas estão escritas com uma letra muito apertada, que me desagradava um pouco.

Teu filho que te abraça, J. Verne

2 Tertúlia extra-parlamentar que agrupava o partido da direita (monarquistas). (P.T.)

3 Charles Maisonneuve.

4 Importante parágrafo que tem a ver com o casamento de Hermine Arnault Grossetiire com Armand Terrien de la Haye, na quarta-feira 19 de julho de 1848.

Mundo Verne